N.º

Estante 76

Prateleira 6.ª

Victor Perez
ms. 156

cod
11400

Cartas

Do Padre Antonio Vieira, copia-das do proprio original

Ao Duque do Cadaval vindo de Saboya.

Senhor.

Não foi huma só, senão trez, as cartas, com que signifiquei a V. Ex.ª o meu dezejo, ou inveja, de não poder acompanhar, e servir a V. Ex.ª na viagem de Saboya, como Marinheiro tão pratico do Mediterraneo; contentando-me de festejar de tão longe os aplauzos, e prevenidos triunfos, com que

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

2

COMPRA 243385

Cod 11400

a entrada de V. Ex.ª na volta, seria re-
cebida nesta Corte, e acclamada em
todo o Reyno, como o principal au-
tor da sua felice successão, e posteri-
dade. Mas he tal a fortuna de
V. Ex.ª ou para o dizer com palavras
mais certas, são tais os acertos da
prudencia, juizo, e realeza de animo,
de que a Providencia Divina dotou
o de V. Ex.ª para remedio das cala-
midades publicas, e anchora fir-
missima de Portugal na tempes-
tade em que de prezente fluctua,
sem acabar de tomar porto; que
tantas graças e maiores, deve todo
o Reyno a V. Ex.ª por desfazer o que
V. Ex.ª hia efeituar, que pello mes-

mo effeito dezejado, sendo tão peri-
gozo. Muito dezejara poder
remeter a V. Ex.ª com esta, as Cartas
grandes, e piquenas Ecclezi asticas,
e Seculares, que escreverão nesta oc-
cazião ao Brazil, e as vozes univer-
saes, sem excepção, com que V. Ex.ª
hé acclamado por unica Colum-
na, e Pai, da Patria, em annos que
todos dezejão sejão, não só muitos,
mas immortais. V. Ex.ª me fes
mercé dizer que não levava ordem
de passar adiante, e se o porto a certo
(não podendo ser o de Genova) era o -
de Liorne; terra hé aquella, de que
não tive Carta, depois que parti de -

de Lisboa, sendo tão frequentes de-
antes, como a V. Ex.ª he prezente.
Fico neste meu ermo, entre ma-
iores arvoredos, e bosques, do que V.
Ex.ª chama moitas de Salvaterra;
mas não me basta ter-me posto
tão longe do mundo, para que
o mundo me não persiga. Com
ninguem fallo, nem tenho com
quem, e só me occupo em escre-
ver, e emmendar o que já falei, tra
balho que eu não tivera por ocioso,
e inutil, se não correra por estas
partes geralmente, que só, o que
V. Ex.ª aprova, e favorece, he bem acei-
to, e agradecido: Mas não obst.

esta diferença de tempos o meu cui-
dado, como a minha obrigação, hé
rogar a Deos, como faço, em todos os
meus sacrificios, e orações nos con-
serve, e prospere a vida, e Estado de
V. Ex.ª como a mesma Magestade
Divina, para seu serviço, há mis-
ter Ex.mo Snr. Deos guarde a Ex.ma
pessoa de V. Ex.ª como Portugal, e os
Criados de V. Ex.ª elle como o menor
mais que todos dezejo. Bahia
23 de Junho de 1683.

Criado de V. Ex.ª

Antonio Vieira.

A João Ribeiro da Costa.

Meu S.r Estas regras de V.m.ce cau-
zarão em mim a compaixão, e las-
tima que nenhum coração hu-
mano lhe pode negar: o mayor
encarecimento della he chegar
V.m.ce a lhe procurar parte do reme-
dio em hum Religiozo da Compa-
nhia, cuja profissão he a mais es-
treita pobreza, e este não Prelado,
mas subdito, e hoje retirado em
hum dezerto. Em outro lugar, e
tempo, teve valia a minha pro-
tecção, para alcansar dos pode-

rozos do mundo, o que na Bahia não posso, tão fora do commercio, e conhecimento do mesmo mundo, que para o ter da pessoa de Vm.ce pello nome, esta noticia foi o maior motivo do meu sentimento, junto com a admiração de que pode fazer, ou disfazer o que elle chama fortuna. Não estando prezo como Vm.ce, e dezejando, se podesse, pedir huma esmola de porta em porta, só conheço nesta terra huma, a que podera bater, mas esta se acha hoje necessitada do remedio de seus empenhos, podendo afirmar com certeza que os de-

de V.m.ce me naõ lastimaõ menos.
Poderozo hé só Deos para fazer em-
huns, e outros a mudança que haõ
mister; e Eu offerecendo a V.m.ce o que
posso sem diferença alguma no-
affeto o pedirei assim a sua Di-
vina Magestade em minhas
oraçoẽs, e sacrificios com grandes
confianças em suas infinitas
mizericordias. V.m.ce naõ estra-
nhe a maõ alheia, porque a mi-
nha por hum dezastre á muitos
dias que tem perdido o uzo de es-
crever. Deos g.de a V.m.ce m.s an.s, e rime-
dee como m.to do C. dez.o Quinta 28
de Janeiro de 1694 = Ant.o Vieira.

Ao Marquez de Gouvea

Senhor

Com muita razaõ nesta Carta de-
que V. Ex.ª me fes mercê, vejo duvi-
dadas as minhas interpretaçoẽs
do Cometa. Mas naõ deichará
V. Ex.ª de perdoar ao amor, os er-
ros do juizo. Aquelle signal do
Ceo, só se mostrou ás nossas Con-
quistas, naõ sei se para que os
Portuguezes só o vissem, ou se taõ
bem para que o chorassem. Da
India tivemos Náo com sinco me-
zes de viagem, e mais de cem ho-

homens mortos, e nella a nova de o-
ser tambem o Governador, de quem
havia grande opiniaõ, e em me-
nos de hum mez o que lhe succedeo
nas vias. Assim tira Deos os ho-
mens, quando quer tirar o de ma-
is. A pedraria que trouxe foraõ
pedras, em lugar das quaes leva
caixas de assucar, que descarre-
garà na Alfandega, à vista bem
lastimoza da Caza da India.
As lastimas do Brazil naõ saõ
menores. Com a baixa da moe-
da, perdeo o Rio de Janeiro perto
d'ametade do que tinha, e os que
pessuhiaõ nove, se acharaõ no-

no mesmo dia sómente com sinos.
Para se fazer a mesma baixa na Bahia, se espera que parta a frota, sendo tal a mizeria desta, noutro tempo riquissima praça, que cobrindo-se de tristeza na morte da Senhora Infante, não teve com que se vestir de luto, faltando-cabedal á pobreza á lhe para sentir suas desgraças.

Com tudo isto, meu amo, e S.r, se passa, e vive; mas que será de nós, se os amigos, ou inimigos da nossa neutralidade virem recuperar as suas perdas á nossa custa! Isto hé o que temem todos

os que adiantão os olhos ao futuro
e futuro que não pode tardar m.^to^
Os Corsarios, com termos na Ba-
hia mais de trinta Navios po-
derozos duas legoas desta barra,
obrigarão á dár á costa hum, que
hia para as Ilhas, e em trez dias
em que se sustentou sobre as
amarras, junto a terra, não te-
ve quem della o socorresse: Acu-
danos V. Ex.ª pois com Sua Mages-
tade não temos outro amparo
de que nos valer, nem outra co-
lumna em que nos sustentar.

Levou Deos para si o Arcebis-
po que hera grande Prelado, e co-

como tal acabou a vida, no mais
trabalhozo exercicio da sua obri-
gação; vezitando a Dioceze e mor-
rendo em hum dezerto. Dezeja-
se que lhe suceda o Bispo de Per-
nambuco, que por estar tão per-
to, pode suprir a sua falta ma-
is brevemente, e governa o Bis-
pado com grande opinião de
zelo, e mais satisfação das ove-
lhas, e Clero, que o mesmo Arce-
bispo. Tambem concorre nelle,
o não ser Frade, pelos ciumes
de sinco Religiões que há neste
Estado, o qual desde seu princi-
pio andou sempre em Clerigos

creio que nesta eleição de V. Ex.ª a-
aprovar, consolará Sua Mages-
tade em grande parte o desgos-
to geral.

Pella mercê com que V. Ex.ª
acode aos meus Parentinhos,
e mais Parentes da minha for-
tuna, que do sangue, não dou a-
V. Ex.ª as graças, porque como a-
creados antigos, lhes não pode
faltar a de V. Ex.ª Eu ainda vivo,
e sempre aos pês de V. Ex.ª como
sempre. Ex.mo S.r Deos g.de a Ex.ma pes-
soa de V. Ex.ª como Port.eses, os Crea-
dos de V. Ex.ª havemos mister. Ba-
hia 2 de Julho de 1691. De V. Ex.ª

Antonio Vieira

Ao Geral da Companhia.

R.mo Padre Nosso Geral.

Quando V. P. R.ma se comprazeo de me signifiçar a inextimavel honra que Sua Magestade de Suecia se dignava fazerme em se querer servir de mim nessa Curia, exortando-me com tanto encarecimento em que na primeira boa occaziaõ emprendesse esta jornada; depois de reprezentar a V. P. R.ma a minha incapacidade para taõ Soberano minis-

terio: dei juntamente conta do es-
tado a que meus annos, e enfermi-
dades me tinhaõ reduzido, sem
esperança de poder aturar os ri-
gores do frio em qualquer Clima
da Europa, e que por essa cauza,
de conselho dos Medicos, estava já
entaõ deliberado a me passar
aos ares da minha Provincia;
offerecendo-me porem com toda
a rezignaçaõ a hir morrer aos
pês de Sua Magestade, e aos de
V. E. Rma; sendo este o unico moti-
vo porque dilatei a partida, naõ
sem alguma confiança que pel-
las forças naturais do dezejo, ou

pellos superiores da obediencia me-
fizesse Deos mercê de que as do cor-
po se restaurassem. Mas tem su-
cedido tanto pello contrario no
prezente Inverno que sem eviden-
te perigo de vida não poderei su-
portar o que resta delle, e muito
menos aguardar o venturo pa-
ra a frota seguinte, que não par-
te para o Brazil se não de anno
em anno. Sendo pois de pareçer
que eu me embarcasse com os ou-
tros Missionr.os em companhia
do Padre Antonio de Oliveira,
assim como o Padre, digo, assim
o mesmo Padre, como o Procura-
dor o Padre Francisco de Mattos,

com beneplacito do Padre Provin-
cial, (pois não posso ter o expresso
de V. P. Rm.ª) e como da Consulta des-
ta Provincia, e havendo tambem
alcansado o de Sua Alteza, pello
nome que ainda tenho de seu
Pregador; pedindo humilissima
mente a benção de V. P. Rm.ª, me par-
to para a dita minha Provincia,
nella espero com a Divina bon-
dade, me succederá o mesmo que
a outros velhos, que pella mesma
cauza se passarão áquelle clima;
e de qualquer modo que a sua Di-
vina Providencia o disponha, sem-
pre acabarei a vida com a consola-
ção de ser mais religiozamente

do que nesta Provincia, na qual, por ser tratado como hospede, me falta em grande parte o exercicio da obediencia, como tambem o da pobreza, por me sustentar a despezas proprias. Igualmente he certo, que por esta via poderei muito melhor, e mais brevemente satisfazer a expedição dos meus escritos, q̃ V. P. R.ma tanto me encarrega, cessando os forçozos impedimentos, e embaraços desta Corte, e acrescendo todo o tempo inutil que perco nos Invernos, com que cada anno de vida, se Nosso Senhor for ser-

servido considermã, servirá a ser
para esse fim dobradamente ma-
ior. O que só resta, he render
a V. P. Rᵐᵃ infinitas graças pellos
excessivos favores, que da Paternal
benignidade de V. P. Rᵐᵃ em pre-
zença, e na auzencia tenho rece-
bido, sendo esta huma muito
particular obrigᵃᵐ de perpetua me-
moria delles, e de em todos meus sa-
crificios, e orações rogar a N. Snr.
conserve por mᵗᵒˢ annos a vida de
V. P. Rᵐᵃ como o bem da universal
Companhia hade mister na bem
ção. &c.

Ao Arcebispo da Bahia, de parabens.

Illmo. e Rmo. Snr.

Não dou a V. Illma. o parabem, do que outros chamão promoção, como quem conheçe quão digna he, a muitos annos, a pessoa, e quão superior o merecimento de V. Illma. a outros maiores lugares, sendo este pella medida q̃ Deos lhe deu, assim no natural, como no Espiritual, o mais estendido da nossa Monarquia.

Ao mesmo Deos dei logo as graças, e thas deve infinitas, to-

todo este Estado por sua Divina
Bondade e Providencia haver
posto tão benigna e liberalmente
os olhos na necessidade que pro-
vido e sem provimento há tan-
tos tempos padece.

Por esta cauza e pello Appos-
tolico espirito tão conhecido com
que V. Illma sem dilação que já
não sofre seu dezamparo, e só
com abrevidade da partida, po-
derá V. Illma satisfazer os aplau-
zos com que universalmente foi
celebrada esta eleição e os alvo-
roços e ancias com que a vinda
de V. Illma he esperada.

A viagem da Bahia está ho-
je taõ facilitada nas melhores
monções, que saõ as de Dezem-
bro athé Março, que se pode
tomar, como quem passa o Te-
jo; e os achaques de V. Ill.ma naõ
podem achar em todo o mun-
do, nem ares mais benignos,
nem clima mais propicio.
Assim o tenho experimenta-
do em todos os que lá me mo-
lestavaõ a saude, sendo taõ di-
ferente a carga dos meus an-
nos, se elles me naõ acaba-
rem a vida, aqui achará V.
Ill.ma em mim naõ só o ma-

o maior venerador, como sem-
pre, mas hum subdito, e ser-
vo tão afectuozo, e devoto, e tão
dezejozo de se empregar todo
no serviço de V. Ill.ma quanto po-
dem os repetidos favores, e obri-
gações com que V. Ill.ma o tem hon-
rado; e entretanto guarde De-
os e conserve a Saude, e vida a
V. Ill.ma como o bem, e remedio Es-
piritual deste Estado há mis-
ter. Bahia 23 de Maio de 1682.

Antonio Vieira

Ao Cardeal

Em.^mo e R.^mo Snr.

A frota deste anno, he a mais rica, que nunca partio do Brazil, porque vai nella embarcado o Sr D. João de Alencastre, deixando-nos tantas saudades e dezejos de o tornar a ver nelle, como he universal o conceito, e esperança que só no seu governo poderá ter o remedio, e felicidade de que tanto necessita; e por outra via, depois de tantas experiencias, não pare-

ce possivel inveje o Brazil, o que
possuhio Angola; e eu agora con-
segui o poder declarar a V. Em.na sem
aluzoẽs, nem methaphoras o q̃
nunca me atrevi a fiar de papel.
Ajuntou Deos neste grande su-
geito, tudo o que pode formar
hum perfeito Capitaõ General
Christaõ; assim na intelligen-
cia militar, prudencia, e poli-
tica, como no zelo da propaga-
çaõ da fé, que he ó fim porque
Deos fiou da nossa Naçaõ as
Conquistas, e com prodigiozos
pronosticos que para o seu valor

e Christandade tem guardado o complemento desta empreza. Li hum papel escrito pello dito Senhor com estilo de Soldado, mas com tal espirito de Appostolo, q sem embargo dos meus muitos annos dezejei passar me logo aos Certoês da Ethiopia, ao menos para morrer entre as obrigaçoês da minha proficaõ, e levar com a minha algumas almas, a cujas sombras Deos ajulga se menos indigna de o ver eternamente. Arrebatado da evidencia desta verdade suspendi a pena do tomo q havia de imendar nesta frota

para aplicar com todas as forças ao outro assumpto mais ~~digno~~ util, e necessario, e por isso faltei neste anno com o tributo, que poderei dobrar no que vem.

Ouça V. Em.^na^ as mizerias em q̃ ficão estes dois mundos de Africa e America, e acuda eficasm.^te^ V. Em.^na^ com toda a eficacia da Purpura, ao remedio de tantos males, gloria universal da Igreja, e maior serviço de Deos que guarde a Em.^ma^ pessoa de V. Em.^na^ como a mesma Igreja, e os Criados de V. Em.^na^ havemos mister. Bahia 10 de Julho de 1692 = Antonio Vieira.

Carta Espiritual
Para hum grande amigo.

Emfim, amigo, pode mais Deos que os homens, e prevaleceraõ os Decretos Divinos, a todas as traças, e dispoziçoẽs humanas.
A primeira vez vinha contra a vontade de ElRey, desta segunda vim athé contra a minha; porque nesta obra naõ houvesse vontade mais que a de Deos, seja elle bemdito, que tanto cazo faz de quem taõ pouco val, e tanto ama a quem taõ mal lhe me-

merece: Ajudaime amigo, athe _
dar infinitas graças, i apedir á _
sua Divina bondade ma dê, pa
raque ao menos neste ultimo
quartel da vida lhe naõ seja in _
grato, como fui tanto, em toda.

Ah! Quem podera desfazer
o passado, e tornar atraz o tem _
po, e alcansar do impossivel, que
o que foi, naõ houvera sido! Mas
já que isto naõ pode ser Deos meu,
ao menos seja o futuro emenda
do passado, e o que hade ser satis _
façaõ do que foi. Estes saõ, ami _
go, hoje todos os meus cuidados,

sem haver em mim outro gosto mais, que chorar o que tive, e co-nhecer quem falçamente se dá este nome, aos que sobre tantos outros pezares, ou hão de ter na vida o do arrependimento, ou na eternidade o do castigo. Di-tozo quem por se condenar ao primeiro se livrar para sem-pre do segundo; e mais ditozo quem tirando totalmente os olhos deste, os pozer só naquel-le summo, e infinito bem, que por sua formozura, e bondade, ainda que não tivera justiça devera ser amado.

Amigo, não he o temor do In-
ferno, o que me há de levar ao Ceo:
o amor de quem lá se deixa ver,
e gozar, sim. Oh! Que bem empre-
gados mares! Oh que bem pade-
cidos Maranhões, se por esses
se chegar com mais seguran-
ça a tanta felicidade! Só hum
delicto acho nesta minha amᵉ,
que he não a poder repartir com-
vosco; mas já que vivemos sem
nós, vivamos com Deos, pois es-
tá em toda a parte; vejamo-nos
nelle, e oiçamo-lo a elle, que me-
lhor será que ouvirmo-nos. Se
eu ouvira suas inspirações, já

naõ fora taõ grande peccador; mas
se o menos mal hé parte do bem,
alguma consolaçaõ posso ter ho-
je que no outro tempo me fal-
tava, e para que vós tambem
a tenhais sabei amigo que a
melhor vida hé esta; ando ves-
tido de hum panno grosseiro, cá
da terra, mais pardo que preto,
como farinha de paõ, durmo
pouco, trabalho de pella menhã
athé á noite, gasto parte della
em me encomendar a Deos, naõ
trato com minima creatura,
naõ sayo fora se naõ a reme-

dio de alguma alma, choro-me
us peccados, faço que outros cho-
rem os seus, e o tempo que sobeja
destas occupaçoẽs levão-no os Li-
vros da Madre Thereza, e outros
de semilhante leitura. Fi-
nalmente ainda que com gran-
des imperfeiçoẽs, nenhuma cou-
za faço que não seja com Deos,
por Deos, e para Deos, e para es-
tar na bem aventurança só
me falta o vello, que seria maior
gosto mas não maior felicida-
de. Esta he a minha vida, e es-
tas as novas que vos posso dár

de mim, esperando naquelle Senhor que está em todo o lugar, e na sua graça, que naõ depende de lugares, me possais mandar as mesmas desse aonde estais. Amemos á Deos, amigo, e para o amarmos só a elle, conheceremos que pouco merecem nosso coraçaõ todas as couzas do Mundo: Todas acabaõ, nenhuma tem firmeza; nesta vida há morte, na outra Inferno, e ainda he peior que hum e outro; o esquecimento de ambos. Ah! Amigo quem podera tras-

ladar-vos aqui o Coração, para q̃
tenhaes nelle as mais puras, e as
mais importantes verdades,
não só escriptas, ou impressas,
se não gravadas. Salvação,
amigo, salvação, que tudo o ma-
is he loucura. Livrenos Deos
de todas, e de vós mesmo. Ma-
ranhão 26 de Maio de 1653.

Antonio Vieira

Petição que fez o Padre Antonio Vieira.

Diz o Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jezus, Superior, e Vizitador geral da Missão deste Estado, que estando os mais Religiozos da Companhia embarcados na Não Sacramento, e notificados para nella passarem ao Reyno, o Juiz do Povo o notificou ontem para fazer a mesma viagem na Caravella em que o tem de -

detido; e posto que elle está pres-
tes, e não repugna fazer a dita
viagem, reprezenta a V.S.ª que em
haver de ser na dita Caravella
conforme a dita notificação, se-
lhe faz não só notoria violen-
cia, mas muitas violencias; a
primeira porque sendo elle Pa
dre Antonio Vieira Superior
dos ditos Religiozos da Compa-
nhia he contra toda a boa or-
dem, de coro, e governo da Reli-
gião, que o Superior seja apar-
tado dos subditos, e os subdi-
tos do Superior; álem de opri-

varem nelle, e a o seu Confessor, e ao Companheiro, da consolação da Missa, que não podem ter na Caravela. Segundo porque o obrigão a fazer grandes, e novas despezas, sendo muitas excessivas as que tem feito os ditos Religiozos, depois da expulsão do seu Collegio. Terceira porque a dita Náo vai em direitura a Portugal, e a Caravella ás Ilhas, com que lhe será necessario fazer nova viagem, novas dilações, e novas despezas, e expor-se a novos

riscos; álem de que a dita Náo
está para partir nestas agoas,
o que a Caravella não pode fa-
zer por lhe faltar parte da car-
ga, agoada, mantimentos, e
Calafetos, e outras muitas cou-
zas neceçarias. Quarta por-
que a dita chamada Caravel-
la, he hum barco Sardinhei-
ro de Setubal, muito pique-
no, e sem agazalhado, nem
comodidade alguma para
a passagem, e decensia da pes-
soa do dito Padre, que se acha
carregado de annos, e de seus

ordinarios achaques e enfermidades, á qual incomodidade e aperto se acres-
centa mais com a forçoza compª. dos
Religiozos que haó de hir com elle.
Quinta porque o dito barco hé mto.
velho, roto, e mal aparelhado de
tudo, e mal fornecido de gente, e
mal experimentado no mar; por-
que para esta viagem se tem mu
dado de Latino em redondo, e por
tudo isto incapás de hir buscar
as barras e as Costas no meio do
Inverno, a qual incapacidade hé
taó notoria a todos, que hindo na
dita Naó Sacramento perto de
sincoenta passageiros, e muitos
delles muito pobres, nem hum hou-

houve que se quizesse aventurar a-
embarcar-se na dita Caravela. Pel-
lo que tudo se mostra, que o inten-
to das pessoas que fazem esta se-
paração de Navio ou he para que
elle Padre Antonio Vieira pere-
ça no már, contra toda a piedade
Christaã, ou para que não possa
chegar a Portugal senão depois
de muito tempo, como os Officia-
es da Camera do Pará manda-
vão advertir, e pedir aos do Ma-
ranhão; e porque elle dito Padre
Antonio Vieira he Missionario
do Summo Pontifice, ao qual de-
ve dár conta da sua Missão, e do
estado desta Christandade, para

que naõ falte o remedio espiritu-
al a tantas almas, que sem elle
communmente se estaõ perden-
do; sobretudo, porque elle Padre
Antonio Vieira tem negocios, e
noticias de gravissima importan-
cia que comunicar a S. Magesta-
de, de que depende a conservaçaõ
do Reyno, e das mesmas Pessoas
Reais, as quais noticias se perde-
rão com a morte de El Rey D. Joaõ,
que está no Ceo; e sendo S. Mages-
tade advertido disso na ocazi-
aõ das guerras prezentes, man-
dou ordem ao dito Padre Anto-
nio Vieira, cuja via primeira

comunicou a V. Senhoria, para que, ou por via de Pernambuco, ou em direitura por onde lhe parecesse mais seguro passace ao Reyno a levar-lhas, o que elle vinha fazer, quando a primeira vez veio do Pará, onde lhe naõ pareceo taõ conveniente embarcar-se pella rediin viagem que fazem ordinariamente os Navios que sahem daquelle porto. E por todas as ditas rezoens e cada huma dellas principalmente por esta ultima convem, e hé necessario naõ só ao serviço de Deos e remedio das almas, senaõ ainda ao bem, e conserva-

ção da Coroa de que elle dito Padre
Antonio Vieira tenha passagem
para o Reyno na embarcação ma-
is breve, e mais segura que se acha
neste porto, que hé a dita Não Sa-
cramento. Pello que, e porque ou-
tro sim chegou à noticia delle Pa-
dre Antonio Vieira, que pregun-
tando V. Senhoria em Camera, se o
Povo obedecia a V. Senhoria, e respon-
dendo o Juiz, e Procuradores della,
que sim, replicara V. Senhoria, q
o não mostravão em meterem
na Não de V. Senhoria contra sua
vontade aos Padres da Compa-
nhia, e em quererem ainda me-
ter nella ao Padre Antonio Viei-

ra, e que esta foi a cauza porque o dito Povo naõ querendo dezobedecer, e desgostar a V. Senhoria continuara em o ter a elle na dita Caravella, e lhe notificar que và nella.

Pede a V. Senhoria haja por bem, que ao Padre Antonio Vieira se dê lugar na dita Nâo Sacramento com os outros Religiozos da Companhia, e que V. Senhoria o delLare assim por seu despacho, paraque o Povo o tenha entendido, e naõ insista no cumprimento da dita notificaçaõ; pois hé cauza muito alheia da piedade Christaã, que havendo

lugar na dita Não para sincoin-
ta passageiros e nove delles Siga-
nos, o não haja para o Padre An-
tonio Vieira, Religiozo Sacerdote,
e Prelado da sua Religião, e Pre-
gador de ElRey, e tão aceito a Sua
Magestade como he notorio,
sendo certo que se o dito Padre
fosse hum negro de ElRey, ou hum
animal destes Matos, que se
lhe mandasse, o havião de me-
ter no Navio mais seguro. As-
sim o espera da Christandade e
obrigação de V. Senhoria, e que po-
is V. Senhoria está em lugar de
Sua Magestade obre V. Senho-
ria neste cazo, o que Sua Mages-

tade havia de ordenar se fora pre-
zente: E naõ protesta pellos dam-
nos espirituaes, e temporaes das-
sobre ditas Christandades, nem
pellos de sua vida e pessoa, nem
pellos da sua Religiaõ e bens del-
la, nem pellos que se podem se-
guir ao Reyno, e ás mesmas Pes-
soas Reaes cuja Magestade of-
fende tanto quem lhe procura
os meios da ruina, como quem
lhe impede os da conservaçaõ;
porque para a Christandade de
V. Senhoria, zelo do serviço de
Sua Magestade e respeito e ve-
neraçaõ que V. Senhoria sem-
pre mostrou a todas as couzas

Sagradas, entre as quaes tem o primeiro lugar os Sacerdotes, não são necessarios requerimentos, nem protestos; e assim o confia o Padre Antonio Vieira do Senhor Dom Pedro de Mello, no que Deos receberá grande serviço, e a Religião da Companhia particular favor, e elle a mercê que merece a V. Senhoria.

Carta ao Principe.

Primeira.

Tardeu em dar conta a V. Alteza do negocio principal, para o poder fazer com algum fundamento; e para me informar com a cautela e segredo necessario; cujas occaziões ainda buscadas, se não acha facilmente; o que tenho feito athé agora, por via de conversação, e discurso com alguns Ministros maiores, que podem ter voto na materia; he entender delles, que a reunião com Castela, por mais que os Principes

e a Nobreza possão ter nella os in-
teresses que V. Alteza considera,
será mui dificultoza de adme-
tir por aquellas mesmas rezo-
ẽs que reprezentei a V. Alteza
quando V. Alteza quiz ouvir os
fundamentos desta minha opi-
pinião. Isto suposto, tenho
por mui provavel, que no concur-
so de todos os outros oppozitores,
poderá prevalecer o partido de
V. Alteza, e eu vigiarei sobre a oc-
cazião oportuna em que mais e
mediatamente o possa introdu-
zir, athé chegar á fonte onde ha
de emanar a rezolução, fazendo

a abertura do Tratado com toda
a quella circunspecção, que o ne-
gocio requer, e V. Alteza me tem
recomendado, alargandome ma-
is, ou menos, segundo vir que
sou ouvido. Mas porque a
união dos Estados de V. Alteza
com a Coroa de Portugal, na con-
sideração dos interesses comuns,
he a que deve dar grande pendor
á balança, será necessario, que
álem da grandeza dos ditos Es-
tados, e conveniencias reciprocas,
de que vim bem instruido, V. Al-
teza me advirta do modo com
que devo responder, em cazo que

se me opponhaõ duas duvidas, as-
quaes estaõ muito á flor da terra.
Naõ pode deixar de se reparar
muito nellas. A primeira hé
ter V. Alteza álem de Principe
primogenito, outros dois Filhos,
de cujo Estado se deve tambem
deliberar, para que de prezente,
e de futuro naõ possaõ ser de im-
pedimento á firmeza do Trata-
do, e perpetua, e irrevogavel uni-
aõ de ambas as Naçoẽs, Vassalos,
e Coroas; huma de que o Princi-
pe de Toscana he já herdeiro, ou-
tra de que será cazando com a
herdeira de Portugal. A segun-

da hé da parte dos mesmos Vas-
salos de V. Alteza, os quaes por-
ventura se quererão conservar
dezunidos, e debaixo de Principe
particular, de que em nós mes-
mo temos vivo e prezente exem-
plo; posto que os interesses com-
muns entre elles e os Portugue-
zes, com as larguezas de Conquis-
tas e Commercios, e empregos
de pessoas e fazendas, parece que
seja hum vinculo muito forte,
e de sua natureza indessoluvel:
Assim que estas duas duvidas,
e perigos são os que no cazo do
Tratado me parece que se po-

dem difficultar; e será totalmen_
te necessario que V. Alteza me_
instrua neste particular da_
segurança que se pode prome_
ter a hum, e outro; e para que com a
dita segurança sendo qual con_
vem, e que só V. Alteza pode ma
is inteiramente conhecer, e ma
is firmemente dispor, e ordenar,
será Deos servido que a pratica
desta firme união, não somen_
te seja admetida, mas com ef_
feito se consiga, para gr.de serviço
e gloria do m.º S.r, e augm.to e prospe
rid.es de ambas as Nações, e Esta_
dos. 5 de Nov.ro de 1665.

Carta segunda

Espero que V. Alteza se sirva responderme promptamente à Carta, e proposta incluza, sem fazer na dita reposta, menção, ou aluzão alguma, ao que nesta direi. De poucos dias a esta parte se achão nesta Corte além do Enviado de Castella, outros dois de França, e Saboya. Suspeito com bons fundamentos, que de todas as partes se intenta prevenir o negocio do cazamento, e além das trez Nações refe-

ridas, ouvi fallar tambem na Ale-
mãa, e nomeadamente em Bavie-
ra; não sei se pello parentesco de
Saboya. Se V. Alteza como sempre
foi servido significarme, quer me-
lhorar neste concurso o partido da
sua Serenissima Caza, importa
que se não perca momento; en-
tendendo V. Alteza que a seguran-
ça que digo hé, a que hade ter todo
o pezo, e valor, ás conveniencias da
pertendente união; e que sem a di-
ta segurança, e meios proporcio-
nados della como faltos de fun-
damentos solidos, não se lhe da-
rá a attenção que merecem, sen-

sendo firmes. Fallo a V. Alteza com toda aquella confiança, que V. Alteza me tem dado, e faz de mim; e assim torno a reprezentar a V. Alteza, que na reposta q̃ espero, para satisfazer às duas duvidas referidas, seria muito conveniente que por huma clauzula geral me dicesse V. Alteza que no dito cazo se darão da parte de V. A. e seus Estados, todas as seguranças convenientes, q̃ da parte de Portugal se pedirem, para tirar toda a desconfiança, e mostrar toda a sinceridade com que o negocio se trata, e sua perpetua firmeza. 5 de -

de Novembro de 1675.

Reposta

Respondendo á Carta de V. S. di-
go; que havendo entendido que
os Reys de França, e Hespanha
tratão o cazamento, não me pa-
rece por hora conveniente tra-
tar do cazamento do Principe
pois se eu o não concluisse ElRey
de França, e ElRey de Hespanha
se darião por offendidos de eu que-
rer concorrer com elles no caza-
mento; pello que entendo que se-
ria bem não negociar o dito ca-

cazamento do Principe, em quanto se não vê o caminho que tomão os negocios do Embaixador de França, e Ministro de Hespanha. 30 de Dezembro de 1675 &.

Ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes.

Meu Senhor. Já que dezobrigados estaõ os doentes de escrever, como os mortos de falar, este foi o impedimento porque na frota passada faltei com reposta á Carta de V. Senhoria me fez mercê, a qual quando eu estivera, ou me dera por muito offendido, naõ só bastava mas excedia á satisfaçaõ dos maiores agravos. Por relaçoens alheias ouvi, que a Historia de V. Senhoria

me louvava com discredito; ou de-
zacreditava com louvores: E por-
que eu depois que fugi do Mun-
do, tão pouco estimo huns, como
sinto outros, contenteime com-
que estas noticias me entras-
sem por hum só sentido, e este
foi o motivo porque o Senhor
Marquez das Minas, e o Senhor
Conde de Alvor referirão a V. Se-
nhoria. Não me apliquei a ler
a dita Historia porque a parte
della que pertence ao Brazil,
via com os olhos; e a outra par-
te das Embaixadas, passoume
pellas mãos; mas depois que

com segundo, e repetido favor me -
chegou a ellas, mandado por -
V. Senhoria o pequeno volume,
e grande Livro de Castrioto resus -
citado, gloriozamente na pena
de V.ª Senhoria, pode ella fazer,
que ainda depois de morto con -
tinuassem as suas vitorias,
vencendome no presuposto em -
que ainda estava de naõ ler
o Portugal restaurado. Ja' o li,
e em ambos admiro o methodo,
a ordem, a dispoziçaõ, a felicida -
de, a facilidade altiloca do estilo,
a pureza da lingoagem, a arte
sem afectaçaõ, a descripçaõ, o jui -

zo, e todas as outras excelencias de que se pode compor no grão sú-mo o mais perfeito historiador. Só tem huma e outra escriptura de diferença o que costuma dár á memoria, a antiguidade, ou a vêsta: o Prologo de V. Senhoria comessa assim = Huma das maiores emprezas do mundo, he a rezolução de escrever huma historia = e a empreza, e rezolução de V. Senhoria foi muito maior que todas, porque não só se rezolveo V. Senhoria a escrever historia do passado aos vindoiros, se não de prezen

te, ou quaze prezente aos que ain-
da vivem; e sendo as informa-
çoens dos sucessos sempre va-
rias, e na mesma variedade in-
certas, hé força, que em muitas
couzas, os que do anno de qua-
renta e mais atraz vivem athé
hoje, achem alguns reparos,
que se encontrarão com o facto,
e assim me sucedeo no primei-
ro sucesso do Brazil, que a His-
toria de V. Senhoria refere, que
foi a tomada da Bahia, em q
não concorda em muitas cir-
cunstancias o que V. Senhoria

refere com o que vimos, os que
ainda viremos; e o mesmo po-
de supor nas batalhas, em que
não concorda, digo, nas batalhas
como V. Senhoria refere no Pro-
logo, não havendo quem visse,
ou podesse ver alguma toda; e
os que virão as partes quazi to-
dos as referem por diversos mo-
dos: com tudo destes claros, e es-
curos, se compoem a pintura
do Portugal restaurado, com
tal proporcão no todo, e tal se-
metria nas partes, que será
muito injusto Juiz quem qui-

zer mais do possivel ao estudo,
e deligencia humana. No que
me pode tocar me segura V. Se-
nhoria que nenhuma couza
escreveria contra acção minha,
se não fosse obrigado dos preceitos
da Historia, e se o tempo, e a saú-
de me der lugar, pode ser que
procure de V. Senhoria, digo que
procure saber de V. Senhoria
sobre huma só propozição os
fundamentos da obrigação, ou
justificação com que ella se
escreveo, para que eu já que
não posso emmendar esta

culpa, faça penitencia della.
Deos guarde a V. Senhoria mui-
tos annos, como dezejo, e Por-
tugal, e os creados de V. Senho-
ria havemos mister. Bahia
19 de Julho de 1689.

Antonio Vieira.

Ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, para servir de Carta Circular.

Meu Senhor. He couza tão natural o responder, que athé os penhascos duros respondem, e para as vezes tem ecos. Pello contrario he tão grande violencia não responder, que aos que nascerão mudos fes a natureza tambem surdos, porque se ouvissem, e não podessem responder rebentarião de dor.

7º Esta hé a obrigação e a pena, em que a Carta que recebi nesta fro-ta, de V. Senhoria, me tem posto, devendo eu só esperar recipro-camente, que a reposta do meu silencio fosse tão muda como elle; mas quiz a benignidade de V. Senhoria que neste exces-so de favor se verificasse o pen-camento dos que dizem, que para se conhecerem os ami-gos havião os homens morrer primeiro; e da hi a algum tem-po, sem ser necessario muito, resuscitar; e porque eu em não

responder fui mudo, como morto;
agora com o espaço de hum an-
no e meio, he força que falle, co-
mo resuscitado. O que só pos-
so dizer a V. Senhoria he, que
ainda vivo, crendo com fé m.to,
viva, não será dezagradavel a
V. Senhoria esta Certidão: Não
posso com tudo calar, que no
mesmo dia de seis de Feverei-
ro, em que entrei nos oitenta,
e sette annos foi tão critico pa-
ra a minha pouca saude es-
te seteno, que apenas por mão
alheia posso ditar estas regras

as quais só multiplicadas em
Copias, sendo as mesmas, po-
dem satisfazer a tantas obri-
gações quantas devo á Patria,
na sua mais illustre nobreza:
sendo porem tão singular, e
não uzada esta indulgencia,
ainda reconheço por maior a
que de novo peço a todos, e hé;
que a pena de não responder
ás Cartas, se comute na graça
de as não receber da qui por
deante; assim como hé graça
e piedade da natureza, não ou-
vir, quem não pode falar; e pa-

e paraque o despacho deste forçado memorial naõ pareça genero de ingratidaõ da minha parte, se naõ contrato util de ambas, e muito digno de aceitaçaõ; sirva-se V. Senhoria de considerar, que se me falta huma maõ para escrever, me ficaõ duas mais livres para levantar ao Ceo, e encomendar a Deos os mesmos a quem naõ escrevo com muito maior correspondencia do meu agradecimento; porque huma carta em cada frota, he memoria de

de huma vez cada anno; e as da
Oração de todas as horas, são lem-
branças de muitas vezes cada
dia. Estas offereço a V. Senhoria,
sem nome de despedida; e posto
que em Carta Circular, e commua,
nem por isso esquecido das obri-
gações tão particulares que a V.
Senhoria devo, e me ficão impres-
sas em o Coração. Deos g.de a V. S.a
m.s an.s como lhe dez.o com todas
as felicidades desta vida, e m.to ma-
is da que não tem fim. Bahia
dia de Santo Ignacio 31 de Julho
de 1694 = C.r de V. S.a = An.to Vieira.

Ao Principe D. Theodozio, persuadindo-o a que largue os estudos, e siga o Exercito de Alentejo.

Meu Principe e meu Senhor, da minha alma: Pellos avizos que vao a Sua Magestade entenderá V.ª Alteza com qual rezaõ escrevo esta, e muito mais com que raiva, e com que impaciencia vendome prezo, e atado para naõ poder em tal occaziaõ hirme deitar aos pês de V.ª Alteza, e achar-me ao seu lado em todo o perigo; mas eu romperei

as cadeyas quanto mais desprezo mais desprezo-
ça melhor possivel, e partirei vo-
ando; se não a fazer companhia
nos trabalhos do principio; ao me-
nos em ter parte nas glorias e
alegrias do fim, que estes serão
os passos por onde se hão de en-
caminhar os sucessos, e felicida-
des deste fatal anno; ou seja
a guerra só em terra, ou só no
már, ou juntamente em ambas
as partes, porque o meu retiro
não especifica o genero, nem as
particularidades della empre-
gado todo em referir, admirar,

e celebrar as victorias. Ah! Se-
nhor, que falta pode ser que faça
a V. Alteza nesta occazião este
fedelissimo creado; e quão poucos
considero a V. Alteza, com rezolu-
ção, valor, e experiencia que hé
necessaria para saberem acon-
selhar a V. Alteza o que mais lhe
convem, em tão apertados cazos!
Mas já que na prezente não
posso, aconselhe-se V. Alteza com a
minha alma, que toda lha mã-
do a V. Alteza neste papel, e com
toda ella lhe digo, que tanto que
chegar esta nova a V. Alteza, lo-

logo sem esperar outro preceito se
ponha de curto, o mais bizarro
que poder ser, e se saya a Cavallo
por Lisboa, sem mais aparato,
nem companhia, que a que vo-
luntariamente seguir a V. Al-
teza mostrando-se no semblan-
te muito alegre, e muito deza-
sustado, i chegando a ver, e re-
conhecer com os olhos todas as
partes em que se trabalhar, in-
formando-se dos dezignios, e mã-
dando, e ordenando o que me-
lhor a V. Alteza parecer, q̃ sem-
pre será o mais acertado, man-

dando repartir algum dinheiro
entre os soldados, e trabalhadores.
e se V. Alteza por sua mão o fi-
zesse, levando para isso quantida-
de de doblões este seria o meu
voto, e que V. Alteza se humane,
conhecendo os homens, e chamá-
do-os por seu nome, e falando
não só aos grandes, e medianos,
senão ainda aos mais ordi-
narios, porque desta maneira
se conquistão e se confortão, di-
go, e se conformão os Coraçoẽs dos
Vassalos; se V. Alteza os tiver da
sua parte nenhum poder de
fora será bastante a entrar em

em Portugal, sendo pello con-
trario muito facil, ainda qual-
quer outra maior empreza a
quem tivesse o dominio dos Co-
rações. Sua Magestade tem
nesta parte huma vantagem
muito grande e conhecida, que
he estar de posse, e poder dár, q.do
Castella só pode prometer.
Como há poucos Antonios Vieii-
ras há tambem poucos que sai-
baõ amar só por amar, e Sua
Magestade naõ deve esperar
finezas se naõ contentar-se de
que se queiraõ vender aquelles
que lhe for necessario comprar.

A palavra, as ballas, os Canho-
ẽs são comprados, e bem se vê
o impeto com que servem, e o
estrago que fazem no inimigo;
e mais natural hé em mui-
tos homens o interesse, que nes-
tes instromentos a natureza,
digo nestes instromentos a mes-
ma natureza. Os que menos
satisfeitos estiverem de Sua
Magestade, estes chegue V. Al-
teza mais a si, que importará
pouco que no affeito se devidão as
vontades, comtanto que no af-
feito Sua Magestade, e V. Alte-
za os achem obedientes, e unidos.

Faça-se V. Alteza amar, e nesta
só palavra digo a V. Alteza ma-
is, do que podera em largos dis-
cursos. Considere V. Alteza
Senhor, que esta he a primeira
acção em que V. Alteza hade ad-
quirir nome, ou de mais, ou de
menos grande Principe. A Ida-
de, o engenho, as obrigaçoẽs tudo
está empenhado; a V. Alteza
obrar como o seu Real sangue
o pede, e mostrar ao mundo q̃
he V. Alteza herdeiro dos seus
famozissimos Progenitores, não
só no Sceptro, mas muito ma-
is no valor, toda a Europa, cujos

ouvidos estaõ cheyos de louvores de V. Alteza, está com os olhos nesta occaziaõ, que he a primeira em que V. Alteza sahe a reprezentar no Theatro do mundo, e na qual o nome que V. Alteza ganhar com suas acçoẽs será, o porque será avaliado, e estimado para sempre. Naõ aconselho a V. Alteza temeridades, mas tenha Portugal, e o mundo conceito de V. Alteza, que antes despreza os perigos, do que os reconhece; e o que toca á seguran-ça da pessoa de V. Alteza, deixe V. Alteza sempre ao amor, e ze-

e zelo de seus Vassalos; mas não
aceitando nesta parte o Conselho
que de muito longe possa tocar
ao decóro. A vida está só na-
mão de Deos, e esta he a occazião
em que servem as Philozofias, q
tantas vezes ouvir a V. Alteza do-
desprezo della. Da mesma
creação de V. Alteza sahio Achi-
les a ser terror de Troya, e fama
de Grecia; e esta mesma descon-
fiança (a qual inculco a V. Alte-
za) o fes mais Achiles. Eya,
meu Principe, despida-se V. Al-
teza dos Livros, que he chegado-

o tempo de ensinar aos Portu-
guezes, e ao Mundo todo, o que
V. Alteza nelles tem estudado.
Armas, guerras, vitorias por-
bandeiras, inimigos e Coroas
aos pés, são de hoje por dean-
te as obrigações de V. Alteza, es-
tas as minhas esperanças.
Oh como as estou já vendo, não
só dezempenhadas, mas glorio-
zamente excedidas! A graça
do Espirito santo, que hé Es-
pirito de fortaleza afsista no
coração de V. Alteza, cuja mui-
to alta, e poderoza Pessoa guar-

de Deos como a Igreja, e os Vassalos de V. Alteza havemos mister. Roma 23 de Maio de 1650.

P. S.

Faço meu Substituto ao Padre Ignacio Mascarenhas, a quem poço dica V. Alteza com grande confiança nestas materias, porque fio muito no seu valor, rezolução e conselho, que tenho bem experimentado, e perdoe V. A. ao meu amor estes, e outros atrevimentos desta Carta.

Antonio Vieira

Proposta

Senhor.

Peço se ventile unicamente o ponto expressado abaixo, o qual comprehende duas proposições que se achão na minha proposta, de quatro que offereci; e á vista delle se verão os fundamentos com que a Camera da Bahia, responde sobre a materia deste mesmo ponto.

Offereci na primeira proposição, reduzindo aos melhores

termos de mostrar as perdas que occazionaõ os Corsarios em toda aquella costa do Brazil, e a evidencia o tem notoriamente feito experimentar assim; de que rezulta naõ só as perdas prezentes, se naõ tambem, que ao mesmo tempo que estas tem principio se destroe por consequencia o patrimonio Real, e o que athé agora se tem visto com os tais Cossarios muito mais se hade observar na paz, porque os Inglezes, Holandezes e mais Naçoẽs vendo o cilencio della, naõ tendo o pretexto da-

da guerra para os seus interesses
particulares, que athé agora re-
cebiaõ pellos meios della, tudo
seraõ levantados, que neste res-
peito, huns se faraõ arribados,
e outros fingindo contratempos
do mar, será assim continua-
mente o Brazil assolado, e des-
te modo naõ menos que a
Coroa. E para este taõ consi-
derado damno, apontou-se por
remedio, trez, ou quatro Náos
de sincoenta, athé oitenta pes-
soas, porque assim seriaõ os ta-
is Cossarios levantados, destrui-
dos, a respeito de que as forças

das tais Náos serião occaziaõ p.ª os seus poucos interesses. E os meios para a sustentação actual destas Náos inculqueyos na forma que se referem; e he; que o concurso das Minas se faça unicamente pello caminho de Santos, que este foi o principio, digo, foi o seu principio, e que então transportem as tais Náos tudo o que entrar para ellas, fazendo viagem continua de huns portos para outros, dispondo assim o augmento do negocio, o qual se tem destruido p.ᵒʳ não haver a providencia das-

Nãos que se apontão, em cujos
termos se segurarão deste modo
as fazendas e as gentes, e evitan-
do-se as perdas de que são cau-
za as Sumacas, assim pellos rou-
bos que se lhe fazem, como pella
dezordem que o már lhe motiva,
e tudo pella sua pouca rezisten-
cia; e isto que há seis annos so-
licito com grande instancia,
e apontada esta materia por
conveniente no anno de 1711.
pellos Ministros Superiores, tem
o exemplo nas grandes Nãos
de Genova, porque em algum tem-
po uzarão os Genovezes de em-

de embarcaçoẽs pequenas, e pel-
los damnos que experimenta-
vaõ tomaraõ o expediente de as
reduzirem a menos numero,
e de maior força, rezultando-lhes
naõ só novas conveniencias,
se naõ tambem novos respei-
tos. E naõ menos o fizeraõ assim
os Francezes, e mais Naçoens
com as Galeras, de que muito
uzaraõ; mas como estas naõ
servem se naõ para certos tem-
pos, e mar pacifico, as extin-
guiraõ estabelecendo Náos de
alto bordo, que servem para
tudo; e assim tambem o fes o de

nhor Rey Dom João o 4.º com as -
embarcaçoẽs mercantis de vela
Latina, que deste porto faziaõ
viagem para o Brazil, e que se
uzasse só de velas redondas co -
mo hoje se observa; e a respeito
do referido, saõ as Naõs que se -
apontaõ taõ preuizas, como a ne -
cessidade dellas o está incul -
cando. E nos termos de que
a entrada do concurso das Mi -
nas seja só por Santos, assim
como se principiou, he sem du -
vida que entra para ellas me -
nos numero de oito athe quin -
ze mil pessoas, entre brancos

e pretos, que de humas, e outras se pagão dez mil reis às sumacas, que athé agora as transportão; cuja importancia applicada à Fazenda Real, a respeito de se encaminharem estes transportes às Nãos que se inculcão, semilhantes às de Genova; excederá a receita desta importancia digo, desta conveniencia à despeza que a esta às Nãos podem fazer (porque a despeza nunca excederá de cento, e oitenta mil cruzados) e a tal receita dos transportes, acrescendo-lhes ainda as fazendas

de volume, excederá muito mais
de hum conto e sincoenta mil
cruzados, o que melhor mostrará
a experiencia, álem do que já fi-
ca referido na grande utilidade
que se segue por estas Náos a res-
peito da ruina que motivão ás
Sumacas pella sua pouca rexis-
tencia, e motivando ignominia
á Croa. Em cujos termos se vê
tambem com evidencia que os
meios que athé agora se tem
apontado para a dita sustenta-
ção actual das Náos serem acha-
das na quelle remedio que se
tem insinuado com que só se-

se podem conservar, e augmentar
as fabricas dos tabacos, e asucares,
que he evitar os muitos caminhos
para as Minas, e isto he a ma-
teria do terceiro ponto da minha
proposta, em que mostro, que as
muitas entradas são as cauzas
urgentes da sua ruina total, e
por onde se vão excaurindo e per-
dendo á Republica daquelle Es-
tado os alentos da sua opulencia;
assim como he facil destruir-se
o corpo de hum grande rio, se na
distancia do seu curso se achão
em partes muitos caminhos
por onde se devida, ou distribua

pella terra toda a agoa de que se -
tinha formado; e assim tambem
como hé facil perder hum corpo
a vida, se em acto continuado,
ao mesmo tempo com excesso lhe -
tirarem o sangue por todos os -
seus membros, e bem se sabe que
os Corpos das Republicas são fa -
ceis de acabar, se por muitas
partes lhe tirão a substancia; e -
por isso se não compadece, que
o Brazil se possa conservar ha -
vendo tantos caminhos, porque
são o motivo de inquietar ainda
os animos menos dispostos pa -
ra a ambição, pella facilidade,

e franqueza com que estes cami-
nhos persuadem as gentes á cu-
biça do ouro. Com que ja respei-
to de que a entrada das Minas
seja só pello dito porto de San-
tos assim como principiou, he-
lhe prejuizo, como a razaõ do refe-
rido o tem mostrado, pois com
ella se evitaõ as dezordens forja-
das nas muitas entradas, e des-
cobrirem-se tambem no parecer
deste remedio os meios para a di-
ta sustentaçaõ das Nãos incul-
cadas, e destruindo-se deste mo-
do todas as occaziões das perdas
de terra, e már.

E nesta materia ainda acres-
sem algumas circunstancias,
que he preciso expecialas, pa-
ra que se veja a importancia
do que fica referido, e saõ as se-
guintes. Que sendo a entra-
da das Minas unicamente
por Santos como principiou,
impossebilita V. Magestade, e
destroe assim a força dos Pau-
listas, mas conservando-os em
amizade e desvanece todo o re-
ceyo, em ordem ás suas incons-
tancias, porque se engrocaraõ
a quelles seus Paizes de Vassalos
deste Reyno de tal sorte, que

em poucos tempos ficarão inca-
pazes de respirarem, em cujos
termos ficão tambem destrui-
das as intelligencias das Naço-
ẽs Estrangeiras, quando as ful-
minarem em qualquer tempo,
porque então não terão espe-
ranças de admetidas, especi-
almente havendo as Nãos que
se apontão, pois estas lhe im-
pedirão o poderem comunicar
as astucias porque servirão de
guarda continua àquelles si-
tios, que podem servir de meio
para a introducção destas Na-
ções. E a maior rezão do referi-

do he a experiencia da quelle
receio que houve com a ultima
Esquadra Franceza, que passou
ao mar do Sul, que supondo-se
da qui hia a Santos, deu gran-
de cuidado; e este se pode agora
remediar, para evitar no futu-
ro, naõ só occazioens de cui-
dado, mas de ruina certa.
E sobre tudo, o caminho de San-
tos, he só o das Minas, que os
mais saõ viciozos, porque foraõ
abertos pello interesse da am-
biçaõ particular, os quaes tem
sido toda a occaziaõ do Brazil
padecer, e sahirem lá todas as

as coizas fora da sua ordem.
E para que V. Magestade ponha
logo as trez, ou quatro Nâos na -
defeza da quelle Estado, sem de -
mora de tempo, parece, que se -
embolse V. Magestade se for ser -
vido da importancia da venda
da quelles dez, ou doze officios
de Corretores do numero, que in -
culquei se podiaõ crear na quel -
le Estado, fundando-me na quel -
la rezaõ porque se crearaõ nes -
ta Corte, e tambem que se possa
vender o officio de Corretor dos -
Contratos Reais da quelle Estado,
assim como se criou o desta Corte,

que hoje occupa Luiz Peres.
E da importancia destes officios se podem comprar as tais Náos aos Contratadores, as mais convenientes que possão servir para o ministerio que se aponta:
E quando assim não pareça, pode V. Magestade por modo de emprestimo, tirar da sua fazenda lá no dito Estado este dinheiro; e então do interesse deste acrescimo dos transportes tornar a embolçar-se a fazenda desta quantia, ou fretando-se estas Náos de modo, que acomode a seus donos, athé que as hajão propri-

as da Coroa. Assim o fazem as Nações Estrangeiras quando lhe faltão para o emprego de suas emprezas.

E se nenhum dos modos apontados parecer muito mais facil parece que V. Mag. se pare trez, ou quatro Nãos daquellas, com que se acha a Coroa, e Junta do Commercio, applicando-as a este emprego; porq' nisto consistem os fundam.tos p.ª as 22 Nãos offerecidas, como por p.tes no seg.do e quarto ponto se hirá assim mostrando tudo com evidente clareza.

Reposta do Padre Geral da Companhia á Raynha de Portugal, á cerca do que lhe escreveo o Padre Antonio Vieira.

O Singularissimo affecto de V. Magestade com a nossa minima Companhia, he para mim taõ notorio, e aprovado com a experiencia, que naõ posso deixar de venerar qualquer insinuaçaõ da vontade de V.e Magestade por hum rigorozo preceito da minha obediencia, e o que V.e Magestade agora me ordena sobre a

a impressão do Livro intitulado = Clavis Prophetarum = do Padre Antonio Vieira, ainda que eu, e a Companhia não fossemos tão interessados no credito que nos grangea hum Varão tão douto, e admiravel pellos seus escriptos, bastava o dezejo de V. Magestade para me obrigar a fazer todo o empenho paraque esta obra que justamente he a espectação de toda a Europa, saya á luz. a todos os particulares de q V. Magestade me ordena, dou inteiro, e devido cumprimento; as-

ao mesmo Padre Antonio Vieira
escriuo, e encomendo muito satis-
faça o gosto de V. Magestade, e para
o mesmo fim lhe concedo perma-
nentes quantos Religiozos lhe
forem necessarios, e elle pedir pa-
ra seu aliuio. No cazo tambem
em que Deos o chame a melhor
vida, e fique o Livro imperfeito, or-
deno ao Provincial do Brazil, com
preceito grave, e de obediencia, exe-
cute o q. V. Mag.^e dez.^a em m.^{tos} D.^s q. a Re-
al Pessoa de V. Mag.^e por m.^{tos}, e feliis-
simos an.^s, como eu e toda a Comp.^a
lhe pede, e seus Vassalos necessitaõ.
Roma 28 de Jan.^o de 1696. De-

108

De V. Magestade

Obzequiozissimo, humilissimo, e devotissimo servo.

Thirso Gonçalves.

Copia

Da Carta que se escreveo sem nome, da Villa de Borba, ao Doutor André Vaz da Costa, nomeado Juiz de Fora da mesma Villa em 13 de Julho de 1714.

Hum amigo, ainda que desconhecido, verdadeiro amigo, attento ao que publica a fama da vossa prudencia, sciencia, e rectidaõ, antevendo attentamente, que para o vosso acerto devem primeiro preceder noticias do estado do Povo a que vindes gover-

nar; dezejando que os vossos preli-
minares sejão expirientes acertos,
vos quer descobrir os melhores ca-
minhos da vossa conservação, da
vossa inteira justiça, e de toda a
satesfação deste lugar.

Fala sem dependencia, vive
izento da vossa jurisdição, não tem
paixão, nem particular affeto;
e assim se obriga a dizer-vos o se-
guinte, mais como vosso ami-
go, do que como interessado. Acei-
tai a receita, que hé de bom Me-
dico, por ser bom amigo. Nequis-
quam melior Medicus, quam fi-
dus amicus, disse Catão. Esta

to - *Suis ad vitam ingredi, serva mandata.* Nobre servidaõ, Imperial cuidado, pezado cargo, illustre pensaõ, he o officio de julgar! Servo comum, ou honorario, chamaõ alguns ao Ministro, e naõ está fora de termos o titulo, porque quem a todos serve, he verdadeiramente servo de todos. Naõ estranheis o termo, que anda anexo tambem ao Supremo cargo, qual hé o do Santo Pontifice, o qual por remate de toda a Dignidade se costuma relatar *Servus servorum.* Bem entendeo ao referido Antigono

Rey de Macedonia, que vendo seu Filho tratar mal aos Vassalos, o reprehendeo, dizendo-lhe - *An ignoras Filii mi, Imperium nostrum nobilem esse servitutem?* E disse bem, quando media qualidades de supprema Dignidade, com as pensiões de servil cuidado.

Anda meu Senhor, a nexo ao oiro as fazes, ao Sol as voltas, ás flores os Aspides; que Como, ainda que de oiro, posto nas mãos de hum Ministro, não foi pensionario? Diga-o o de Pariz, que ao tempo em que servio sintensiando desamores a hum mundo inteiro. Alta doutrina para este

ponto, se o estilo não fora fabulozo;
porem vamos a elle.

ElRey para todos, y amigo de
ninguno. A Justiça inimiga
da sociedade estabelece seu Im-
perio só com sigo. Rara Chimia,
que izenta logra creditos de uni-
ca! Cristalino espelho, que in-
teiro vive só para huma forma
e o multiplicar figuras, he sig-
nal de quebra. Tantos ami-
gos tem hum Ministro, em
tantos pedaços se quebra de jus-
tiça o espelho. Naõ necessita o
Ministro de arrimo trazendo
na maõ todo o governo. E dei-
xando exemplos diversos de

de caza temos o melhor exemplo, em hum Rey D. João o 2.º que teve por injuria o ter valido, e com admiração do mundo o celebrarão os Principes da Europa, por Rey que governou, sem ser governado. Hum Felipe prudente, senhor deste Reyno, que a maior pena que levava na hora da morte, e sempre em vida o acompanhou, foi o considerar que seu Filho havia de ter valido. Medonho bicho he o valido: Ave nocturna que vive das trevas, foge da luz para a escuridão. Nesta Villa tendes hum

athé dois, que hão de procurar com-
anuia o vosso valimento, e se lho -
dereis tereis infalivel o vosso pri-
cipicio. A maior parte da no-
breza della, achareis unida, todos
com animo de vos cortejarem, e -
servirem, sem mais interesse q̃
seu bom primor; ainda que esta
nobreza ande assim unida, tenho
observado que nunca offenderão
rezidencia de Ministro, que des-
ta Villa foi capitulado, ou levou
má rezidencia; não haverá quem
diga, que a maior parte da nobre-
za não achou a seu favor. Gene-
rozo timbre não alentar o respeito
com ultraje alheio! Muito vos -

vos encomendo naõ admitaes va-
lidos; sei eu que anda hum pa-
ra o ser, sem mais vox, que a sua
riqueza, e he o que basta para ser
ouvido, como diz o Espirito Santo =
Locutus est dives, et omnes tacue-
runt et verbum ejus asque ad
nubes perducent: porem espero
que o vosso primor o naõ fara ou-
vido; utilissimo meio para a vos-
sa conservaçaõ.

Os officiaes da vossa serventia,
inimigos necessarios, e domesti-
cos, achareis a huns com vox de
Cythara, semelhantes aos que
vio o Evangelista no Apocalips-

se se nesta melodia são tão discordes, que bem mostrão as vozes, que o jucundo he mais animado da penna que os toca, e da mão que os governa, que da natureza que lhe repugna, porque sendo o coração de aço, qual todas cordas, são as vozes doçura, qual a lizonja: Ouvidos de Ulysses a estas vozes, quando vos lizongearem, sabei que dizem mal de vós, quando com arúia acuzarem, dai contra elles a sentença. A Christo chegarão os Escribas, acuzando a mulher adultera; e ainda que Christo a co-

a conhecia culpada, pegou a escre-
ver com o dedo na terra; e dizem
os sagrados Interpretes, que es-
crevia a Sentença contra os que
a acuzavão. Assim havia de
ser a acuzação afectada dos Es-
cribas, dando-se contra elles mes-
mos a Sentença. Cuidado nelles,
que ninguem os conhece melhor
que eu: Traz delles são peste si-
mulada, com vox de bons homens,
tidos e havidos por taes; mas
se poderem hão de fazer de hum
Abel Caym, e de hum Caym,
Abel.

Especial cuidado em fazer

observar as guardas dos fortificados, diz Santo Izidoro = Judex, dictus est quazi jus dicens; non ergo est judex si justum in eo non est. Não pode hum Varão fazer bom officio de Juiz estando á sua vista consumindo-se vinhas, Pomares, Olivaes, e sementeiras, sem que nisto haja grande reforma. Este desprezo, e pouco cazo que os mais Ministros tem tido neste particolar lhe tirou o nome de maximas / porque forão bons / por hirem, ex diametro, contra o preceito maximo da justiça =

alterum non laedere. Há nesta terra vario gado Vacum, pasta sobre sua homenagem, de que nasce ser o damno grande na intenção, e extenção, necessita não mais que de huma voz com rezolução.

Há neste Povo hum Idolo, e se antigamente o Povo obstinado deu adoração a hum Bezerro feito de ouro do mesmo Povo, o mesmo succedeo a este Povo com hum depozito de bens de raiz, que chegou a cinco, ou seis mil cruzados: Era adorado de todos, mas com tal decoro, que

andando no peito para a venera-
ção; ninguem lhe pôz a mão p.ª
gastallo no Povo, sendo de sua subs-
tancia. Punhão lhe as mãos só
os Summos Sacerdotes; não fal-
ta quem diga, que derretido com o-
calor da cubiça, fazia que as ma-
õs dos Summos Sacerdotes lhe
ficassem pegadas. Eu o não creio,
por não crer em Idolos. Succedeo,
que o Governador desta Provincia
(cuncia Cidade della) teve noti-
cia desta adoração, e mandan-
do desfazello o applicou em ter-
ra para as muralhas de Cam-
po maior.

Com o Idolo adorado do Povo se enojou Deos, e o mandou reduzir a terra. Com a adoraçaõ deste thezouro, se despertou a justiça, ou injustiça, dando com elle por terra das murathas. Se o Povo o naõ adorara naõ despertara sua ruina, se uzara delle bem, gastando-o em obras do Povo, naõ se vira agora o Povo arruinado, e o Idolo desfeito. Vê de Senhor, como este ouro de Araõ, foi em tudo semilhante ao depozito desta Villa, pois agora a consequencia hé, que o que sobrar

depois de completo o Patrimo-
nio Real, se gaste em obras pu-
blicas, que está este Povo tão fal-
to dellas, que he hum lastimo-
zo campo de Troya.

E vigilancia com os Orfaõs.

No Capº. 21 do Genesis se repete
duas vezes, que ouvia o Senhor
as vozes de hum minino, Filho
de Agar, escrava de Abrahaõ, q̃
a Mai deixou no dezerto só: _et
exaudivit Dominus vocem Pueri
et exaudivit_ e pois tão particu-
lar attençaõ a voz tão piquena?
sim, este minino era Orfaõ, es-
tava dezemparado de Pai, i Mai,

e a hum dezamparo devem se multiplicar as attenções. Neste Povo há muitos destes dezampparados, que chorão, e chorão em hum dezerto tambem, e compor fortuna porque não tem sido ouvidos, huns porque seus Tutores são ricos, e poderozos, outros porque debaixo de sua Capa de parentes paleão furtos a titulos de mais interesses para os Orfãos, sendo tudo damno seu. Estas vozes que chegão ao Ceo, ainda que dadas em o dezerto, espero que chegando aos vossos ouvidos, achem remedio igual

a seu damno.

Há huns furtos formigueiros, que tambem importa muito evi-talos, qual he, hum pezo na caza do peixe, cuja ligeireza nelles he menos leve, q̃ onça, e mais re-ceio que quarta, tambem neces-sita, que os que pezaõ sejaõ fei-tos em quartos. He mal este taõ contagiozo, que nunca nes-ta terra se lhe soube dar reme-dio; eu só lhe considero hum, q̃ he, o repezo, como se uza em muitas partes, cujo estilo vos praticaraõ, se o propuzeres, sen-do que descobrireis melhor ca-

caminho para este grande dam-
no, pois = <u>Omnia sapientibus</u>
<u>facilia</u>.

Não podeis dizer que vos en-
gano com voz de Jacob, e mãos
de Ezaú, porque como o que vos-
digo, nem determino pessoa,
nem relato bem particular, e
só attendo ao bem commum,
podeis ter por fé minha voz, e
se esta se compoem só do que
se ouve = <u>fides exaudita</u>, ten-
do estes meus avizos por pon-
to de fé humana, me paresse
não errareis no governo que

he necessario a este Povo, que no
commum, ou politico, vejo, que
sois tão singular Letrado, e en-
tendido, que não necessitais de
Conselho; nem eu me arrojá-
ra a mais, que a relatar-vos
o particular do Povo, porque
delle não tendes rezão de sa-
ber.

Tereis admiravel citio para
a recreação, nobre Villa em o-
culto, animos benevolos em
vos servir, e agradar com exe-
civo afecto. Não achareis
embaraços, nem pleitos excessi-

vos, nem ramalhos apaixonados; e sobre tudo achareis em mim o maior dezejo de vosso acerto, sem que saibais nunca quem vos fes este avizo.

De dos Ingenios.

Discurço politico, que fes o Marquez de Cascais, sobre a proposta abaixo escripta, mandada pello Principe nosso Senhor.

Proposta

A V. Magestade Portugueza convem, e compete, o conservar-se com o luzimento dos mais Monarcas da Europa, para o qual hé forçozo lançar tributos ao Povo, o que se não deve fazer sem haver guerra, e esta hé muito justo se faça a Espanha novamente, ain-da que seja intentada por algu-

243386

gumas occurrencias leves; com q̃
ficará o Principe tendo o luzimento
necessario, e muitos Fidalgos po-
bres com que viver; e os espiritos
guerreiros de Portugal, tantos, e
tão bons como nelle há, em no-
vos, e honrados empregos, para
mais mercês.

Reposta do Marquez

Mandame V. Magestade,
que discurce sobre a proposta, e
porque me manda quem pode,
direi o que entender, com tanto

que V. Magestade me perdoe, se -
tropeçar no que entendo. Para
o que me he necessario invocar,
não as Muzas, como o Mantua -
no; mas o Divino Espirito, da -
onde virão todos os acertos des -
ta reposta. Não se infere sa -
ber, subtileza sim; e para os Con -
selhos mais aproveitão as sub -
tilezas do discurso, do que o sa -
ber só do juizo.

Senhor; tão facil he pregun -
tar como dificil o responder. Com
propriedade os Portuguezes que -
rem ser Senhores tanto de su -
as acçoés, sendo a Nação Portu -

gueza a menos subtil, e astuta,
que não buscão a Deos, nem con-
sultão os Oraculos, quais são os
sabios, os quais forão sempre a-
valiados por Oraculos no mun-
do; da onde vem, que tanto errão
no propor, como tambem no
deferir. Errar sem conselho,
he antigo costume dos homens,
e errar advertido, isso he so con-
dição dos Demonios. Os pruden-
tes, ainda preguntados, não res-
pondem, e os simplices, sem fa-
larem dizem tudo. Aquella
Sciencia, que só fia no poder hu-

humano, he toda monstruoza, que he toda cheia de erros: Quem quizer comeſsar a saber entre pello temor de Deos, então proporá bem, e responderá melhor, e aconselhará com acerto. Velho, e Santo, era o Santo Simeão, e havendo de tomar o Minino Deos nos braços, primeiro lhe vio do Espirito Santo o que havia de fazer, e o que havia de responder.

Na infancia do mundo, a rezão alimentou a justiça, hoje a justiça he que conserva a rezão, e como boa Mai, e como boa Filha, vivem mal huma sem ou-

outra; defender o proprio, hé ra-
zaõ, e hé justiça; querer o alheio,
nem hé justiça, nem razaõ: por-
que como esse se possue com má
fé, naõ adquire posse, nem se
logra com descanço, nem chega
muitas vezes a terceiro possui-
dor: O que se adquire com an-
cia defende-se com cuidado.
Naõ na Azia, nem na Ame-
rica temos nós exemplo; na
nossa mesma Monarquia
o temos. Aquelle segundo Se-
nhor de Espanha Felipe Pru-
dente, com maõ armada, e sem
justiça tirou das maõs dos Pro-

Progenitores de V. Magestade o-
Sceptro deste Reyno, e todos ou-
vimos, sabemos, e vimos elle
o governou com cautella, seu
Filho com receios, e seu Neto o-
veio a perder. Grandes outras
couzas ajuntarão á sua Caza
digo á sua Coroa os Monarcas
Castelhanos com a sem rezaõ
das armas; mas ao tempo que
sem justiça as tiravaõ, vimos
hir perdendo as do seu Patrimo-
nio Real, como foraõ as do largo
Imperio de Flandres, e outras m.tas
partes, que comessaraõ a descom-
pôr a sua Coroa. O grande Capi-

pitaõ Moyzes tirou do Captivei-
ro de Pharaó aquelle taõ amado
Povo de Deos, e pollo em liberda-
de, e páx; porem as graças que
rendeo este Povo a Deos, foi ido-
latrar a fundiçaõ de hum be-
zerro, e suspirar pellas cebolas
do Egypto: Culpa que os fes an-
dar errantes quarenta annos
pello dezerto, sem entrarem
na terra de Promissaõ. Gemi-
aõ tambem com grande rezaõ,
e suspiravaõ os Portuguezes
pella liberdade sempre ama-
da, e por seu Rey natural; deu-
lhe Deos a liberdade, e da-lhe

seu Rey natural com grande
consolação; mas por suspira-
rem ainda, ou por seus, ou por
outros peccados, os castiga Deos
com trinta annos de guerra
[largo prazo para a ruina to-
tal de huma Monarquia, se a
mão de Deos nos não defende-
ra, e nos conservara] Só trez
vezes se vio em Roma fecha-
do o Capitolio, digo, o Templo
de Jano; a primeira em tem-
po de Numa Pompilio, a segun-
da depois que se acabou a se-
gunda guerra de Carthago, sen-

sendo Consul Tito Mancio; a terceira em tempo de Augusto Cezar, quando Deos feito homem, e Minino nos deixou a paz.

Senhor a páz trouxe á Deos, deo-no-la Deos; a guerra introdu-zio-a o Principe das trevas Satanaz: Se a paz hé amada dos bons, por consequencia hade ser aborrecida dos máos; donde se segue, que só os máos, e preversos dezejão a guerra.

Livroú Deos a V. Magestade, e aos Portuguezes das unhas do Leão, vencendo-o, e pondonos

em páz; e não se sabe athé ago-
ra, que avoés de graças obras-
sim os Portuguezes para com
Deos, por tão admiravel mercê,
introduzidas da cobiça, que hé
Fera pessima que já mais se
fartou, peior do que qualquer Fu-
ria, e raiz de todos os males Dia-
bolicos, maximas, e politicas
de Satanaz. Oh! Se Deos quei-
zesse, que se forja-se outra Fabri-
ca de Perillo! Bem galante, e
aceito proverbio hé aquelle dos
Gregos, que diz = da guerra a páz,
da páz a abundancia, da abun-

dancia o Occio, do Occio a ma-
licia, da malicia outra vez
a guerra. Entre quais quer des-
tas couzas, me paresse a mim
se deve intrometer hum bom
seculo de annos: Mas os Por-
tuguezes querem-se parecer com
Deos, querem em poucos dias
fazer muito, querem que oque
havia de ser seculos, sejaõ di-
as, porque na segunda feira
ainda estavamos na guerra,
na terça feira na paz, na quar-
ta feira na abundancia, na
quinta feira no Occio, na sexta

feira na malicia, e no sabbado outra vez na guerra.

Senhor, aquelles que aconselhão a guerra a V. Magestade para luzimento proprio da Magestade, não amão a Magestade, amão a guerra para luzimento proprio; porque a Magestade não vive de comer ouro, nem de vestir diamantes, vive só de virtudes, de verdade, e de bondade. Lá entre as palhinhas de Bellem, buscarão os Reys ao Minino Deos, e não nas glorias do Tabor; porque

muitos resplandores nos vivos, athé os Appostolos desvanecem.

Cyro Rey dos Persas, com ser Gentio, disse, que naõ hera merecedor de ser Rey senaõ a quelle que fosse melhor para os Vassalos; e o grande Alexandre á hora de sua morte proguntando-se lhe a quem deichava o seu Imperio, respondeo, que ao melhor, e ao mais digno. El Rey D. Afonso o Sabio de Aragaõ com o seu vestido de pano, disse, que na Pessoa, e naõ na Purpura, consistia a authoridade maior. Aquelles

que querem ver a Magestade lu-
zida, devem tirar de si, e do seu
luzimento para a Magestade,
mas não dos pobres, e ainda da -
mesma Magestade para o seu.
Os que não trouxerem as suas
álampadas bem providas, não
procurem, nem pertendem entrar
nas bodas de Galilea; e a estes di-
ga V. Alteza nescio vos. Porque
a guerra que os Portuguezes sus-
tentarão (que sempre a guerra
hé á custa dos Povos) os deixou
tão maltratados, que ainda as
chagas que ella lhes fez, não es-

estaõ sans, e por esta razaõ estaõ aborrecidos tanto da guerra, que se outra vez a virem sem ser muito justificada, haõ de arrebentar em despenhos, ou procuraraõ alheyos Climas, se naõ for Principe estranho; que a corda ainda que fina se a apertaõ muito, estala, sendo que os Reys haõ de ser os que fazaõ os Povos felices, e os mesmos Povos entaõ hé que fazem os Reys sempre grandes.

Preguntando hum Rey a Apolonio, Capitaõ, que remedio teria para governar o seu Povo em-

em quietação; respondeo, que dan-
do credito a poucos, e ainda a es-
tes com cautella, mas comuni-
cando-se a todos: Sofre mal a
Republica, que o Principe sen-
do Senhor de todos se comuni-
que a poucos, porque o respeito,
Soberania, e poder do Principe,
não conservão ao mesmo Prin-
cipe com extremadas esqui-
vanças, se não com o mais sua-
ve trato, e agradavel conversa-
ção. Disgraçados dos Prince-
pes a quem os Vassalos não ser-
vem por amor, e pouca hé a Re-
publica a quem o Principe não

não paga muitos agrados e affeitos, se não sómente serviços; o amor dos Vassalos pode-se sofrer agoado, mas o do Principe hade ser puro. Mais Princepes se perderão por austeros, do que por familiares, porque como do trato nasce o amor, tambem nasce da estranheza a esquivança. Por soberbo perdeo Tarquino o Reyno, e não por adultero. Não inculco a V. Magestade estas virtudes porque lhe faltem, porque estas e outras virtudes, digo e outras muito copiozas conheço eu em V. Ma-

Magestade; mas porque lhe não cayão da memoria, lhas repito; porque do que hé licito; devemos re-catarmos, e do ilicito fugir.mos. Quem alcansou a paz na alma, tem Idolos no Coração; quem tem, e logra paz neste mundo, trate sómente de pôr os olhos no Ceo, que a memoria da guerra que antes se amou, não basta que se corte, hé necessario que de to-do se arranque. Os espiritos guerreiros amem muito em-bora a guerra, mas não a po-nhão em pratica na Patria; se a dezejão, busquem-na nos Rey-

nos estranhos com os Infieis, que sempre hé justa, e com os Christãos poucas vezes.

Os nossos Principes Portuguezes desdo Senhor D. Affonso Henriques, athé ElRey D. Sebastião, sempre se portarão com luzimento Real, e com os pequenos do seu Portugal, obrarão mais que muitos senhores de largo Imperio. O Senhor D. Affonso Henriques ainda não possuhia meio Reyno quando venceo os famozos Leonezes, e tantas vezes aos Agarenos valentes; e o senhor D. Dionizio com o pou-

pouco do seu Portugal fes tan-
tas, e tão magnificas obras co-
mo estas estão ainda hoje dan-
do mostras; álem do que ajun-
tou aquelle copiozo thezouro q
seu Filho ElRey D. Affonço o 4.º
desbaratou, cauza porque alguns
procederão de tributos, que sem-
pre são chorados. O Senhor
D. João o primeiro, com estar
grande parte do Reyno por Cas-
tella, que couzas não emprehen-
deo; que batalhas não deu, e que
não venceo, com o pouco do seu
Portugal? Não se sugeitando
ao poder de D. João de Castella,

Rey tão poderozo; mas antes en-
trando-lhe por suas terras lhe to-
mou parte consideravel dellas.
O Senhor D. Manoel, Bysavô
de V. Magestade, só com Portu-
gal conquistou os Estados do
Brazil, Maranhão, Ilhas &c.
vensendo tantas vezes as bar-
baras gentes da India; con-
quista que por ser tão desvia-
da deste Reyno cauzou porten-
toza admiração ás quatro par-
tes do Mundo o agigantado
valor dos Portuguezes na India,
onde Heroes souberão fazer tri-
butarios a esta Coroa felicissima

mais de quarenta Reys Corôa-
dos. Se proguntarem que Fera
pessima devorou, i comeu, es-
tas taõ cavalheirozas acçoẽs
dos Portuguezes na India, di-
rei, que aquelle venenozo Dra-
gaõ da cobiça, que hé taõ se-
milhante á Hydra, pois se
naõ farta, i assim entaõ tu-
do venciaõ os Portuguezes, por-
que todo o seu cuidado era ser-
vir ao seu Rey com grande amor,
e fidelidade, donde as felicida-
des nasciaõ, i exzultavaõ; po-
rem agora poem a honra no
interece, e o coraçaõ na cobiça

e quando o Coração está no the-
zouro, não peléja, nem triun-
fa no Campo: e assim vemos
hoje tantos Portuguezes sem co-
ração, e não há muito tempo
que vinhão os V. Reys honrados
da India, pobrés, porque davão
o seu Cabedal, e o do Rey aos sol-
dados: hoje vem riquissimos, por-
que trazem o seu Cabedal, e o do
Rey, e os dos Soldados, e não sei
se o dos pobres tambem, e mais
o dos Povos. Os sabios Roma-
nos quando mandavão algum
Tribuno, ou Consul a governar
ás Galias, ou ás Espanhas, fa-

faziaõ lhe ao partir, inventario
do que tinhaõ; e tambem lho fa-
ziaõ quando voltava do governo,
e se lhe achavaõ mais do que le-
vara, ou deixara, naõ só lho to-
mavaõ para o Senado, mas tam-
bem o incapacitavaõ para naõ
servir mais; pello que sirvaõ
sempre os Ministros bem, e es-
pirem que lhe paguem os Prin-
cipes, e naõ se queiraõ pagar
por si, e por suas maõs, que hé
contra a Ley, porque quem faz
o contrario que a Ley manda,
e a razaõ dicta, ou duvida mui-

to da liberalidade do Principe, ou fia pouco do que merece: Os que servem com os olhos no premio, não servem por amor, servem sómente por se pagarem; porque o amor verdadeiro não vive sómente do que possue, vive do que não logra. Pobrissimo seria o Rey que houvesse de pagar a todos que o servem, ou se todos os serviços houvesse de pagar bem como Principe.

He verdade que aquellas duas inimigas tão contrarias, liberalidade, e Avareza tambem tirão, e dão qualidade aos Reys.

o Principe para ser perfeito hade saber destinguir o que vai de libe-ral a avarento, e não hade saber arithmeticia daquella parte de-diminuir, se não de multipli-car aos Vassalos, porque os mui-to avaros não fazem luzir os-Principe, o sabellos bem admi-nistrar, isso sim: E se não pro-gunte de que servirão os thezou-ros a Midas, se a fome o matou? De que importarão os de Elio Gabal-lo, se a dezordem o chegou á quelle lugar tão asquerozo, aonde se-não pode livrar dos seus cordeis de seda? E quanto melhor lhe-

thesoura se tivessem antes destri-
buido parte dos mesmos the-
zouros com grande liberalidade
pellos seus Vassalos; pello que
concluo assim. Senhor, nun-
ca tributos, e quando tributos, pou-
cos, porque de muitos tributos,
vimos já rezultar terriveis ca-
zos; naõ em o novo mundo bus-
caremos exemplos, cazeiros os
temos. Espanha pellos muitos
tributos perdeo o Reyno; por mui-
tos tambem teve perdido Na-
poles, Milaõ, e Cezilia e de mui-
tos tributos será Catalunha

grande testemunha, e com gran-
de damno: Tirar de poucos sin-
co para lhe restituir dez, hé obra
de Deos, mas tirar só por tirar,
hé obra dos homens. Quando
Christo deu aquelle banquete ás-
turbas que famintas o seguiaõ,
com sinco paens, e dois peixes,
logo alcansou o titulo de grande
Propheta, de Rey, e de Propheta de-
Deos, naõ porque com pouco os-
satisfes por fartura, mas por-
que tirando aquelles sinco paens
e dois peixes do Povo, naõ só ali
os fartou, mas fes que ali lhe cres-
cessem doze alcofas; tantas sobe-

jarão ali das mãos de Christo.
Oh como havião de faltar das ma-
ons dos homens, se fossemos repar-
tidores! E assim dizia o Empera-
dor Carlos 5.º que os Monarcas do
mundo devião trazer os seus Po-
vos deante dos olhos, ou nas me-
ninas dos seus olhos, e perguntan-
tandoselhe porque, que porque
nenhuma outra mão os tocas-
se senão a do mesmo Prin-
cipe, que nunca lhe havia ser
molesta. Aquelle famozo guer-
reiro, como mal afortunado
Capitão Francisco de Valois, Rey
de França, dizia tambem, que

mais amava e mais estimava
o Povo da menor calidade do seu
Reyno, do que todos os Fidalgos
delle; e preguntando-se lhe a rezão
disse, porque huns me vestem,
e outros me despem, pello que,
o Principe que quizer ter seus Vas-
salos amantes de seu serviço, e
cuidadozos de seu luzimento, es-
colha Ministros cheios de olhos
para as advertencias, e cheios
de pés para as ligeirezas, e velo-
cidades, mas sem maons pa-
ra as cobranças dos Povos, e seus
tributos. Hora, meu senhor,
viva V. Magestade em paz, e

e ame a paz, reine sempre em paz, porque em quanto tiver paz será senhor absoluto dos seus Vassalos, e mandará tambem aos alheios; e com guerra por força será dependente de huns, e de outros. Os que querem guerra naõ querem que V. Magestade os mande, querem elles mandar a V. Magestade, porque hum Rey com guerra, nem castiga, nem manda; os que querem a guerra, querem mais do que o Rey quer. Deos quer para si só os Dizimos dos fruttos

da terra, sendo tudo seu, e os Mi-
nistros da guerra com pressupos-
ta pertenção, querem mais do-
que Deos quer, e mais do que quer
o seu Rey, porque elles assim que-
rem a fazenda, a honra, e athé
solicitão para seus interesses
o gosto dos mesmos homens,
pello que he acertado entender,
que os que querem guerra, e a con-
selhão a V. Mag.de são Demonios
tentadores que provocão as ado-
rações para si; a estes diga V.
Magestade vade retro Satana.
Se da guerra fria nasce a paz

formoza, porque hão de querer os homens, que de huma paz bella torne a renascer a torpe guerra? Finalmente atrevo-me a dizer, e cuido que sem temeridade, que aquelle Vassalo que não aborrece as lizongeiras monstruozidades da guerra injusta, que hé Monstro do Demonio. A guerra justa, tem desculpa para com Deos, e credito tambem para com os homens, a injusta não tem nos suceßos do tempo, fortuna, nem credito para com os homens,

nem desculpa para com Deos.
A paz por ser couza dos An-
jos, he a que dá descanço, faz aos
Reynos ricos, conserva a fé, des-
poem os homens para milho-
res Christãos: Ao menos, naõ
queira V. Magestade por hora
desconsolar ao mais, que he
o seu Povo, porque hum Rey
sem Povo naõ he Rey, e hum
Povo sem Rey, sempre he Povo;
e suposto me veja V. Magesta-
de taõ de paz, naõ dezejo que
se esqueça totalmente da guer-
ra como se nunca mais a pio-

a podesse haver, porque o tempo hé mui vario, e os homens inconstantes.

Os Perzas quando estavaõ em pax, naõ desbastavaõ tanto os seus Exercitos, e Prezidios, que os naõ exercitassem como na guerra viva: Tantos Reynos conservou a cautella, da ruina da guerra, como comeu o discuido. Em quanto Roma contendia com Carthago, bem se sabe que mandava, e sopiava o mundo todo: desde que venceo, dando-se aos saboro-

zos, e apetecidos descansos, ao torpe occio, e lascivo appetite, todos vemos que se perdeo pouco, a pouco o tal Dominio. Pello que, mande V. Magestade aos Ministros de paz que excitem os Povos paraque não deixem comer de ferrugem aquellas honradas armas q̃ tanto venerão, e tanto custarão, não porque eu espere ver a V. Magestade em guerra cõ Principes Christãos, mas porque sei hão de ser necessarias para a Conquista da Terra

Santa, quero dizer da Barbaria, levando por ella as armas de Christo, que são as gloriozas armas, e Quinas de Portugal, athé á Caza Santa, empreza que de rezão, e de justiça pertence sómente á Portugal; e assim lá será então o lugar onde dignamente se poderão empregar os altos espiritos guerreiros, que há, e houverem neste Reyno: porque então esses mesmos lá vencedores, voarão nas azas da Fama, e se farão merecedores

dos marmores, e dos bronzes; e perdendo a vida em serviço de V. Magestade ficarão reputados por cavalleiros de Christo.

O dezejo de servir a V. Magestade, o amor da Patria, e os largos dias, me dictarão estes descursos breves, se parecerem mal vistos, porque as couzas de hum desterrado nũca forão agradaveis; e se ainda assim o parecerem, assim como se lançou no Rio, e corrente do Hebro a Lyra de Or-

Orpheo, se lance no Lethes es-
te papel; porque nem eu, nem
elle nos queixaremos ao de-
pois das sem rezoens dos ho-
mens, porque nem elle hé taõ
bom, nem eu taõ santo que
mereçamos algumas comme-
moraçoẽs. Deos guarde a V.
Magestade por muitos an-
nos como lhe dezejo. &c.

Conta

Que o Doutor Felipe Maciel, Conego na Seé de Elvas, Inquizidor na Inquiziçaõ desta Cidade, Dezembargador dos Agravos, Collegial que foi no Collegio Pontificio, e Real de S. Pedro da Universidade de Coimbra, e nella Lente de Instituta, Accademico da Accademia Real.

Deu dos seus estudos, no Paço, em prezença de Suas Magestades, na Conferencia de 29 de Outubro de 1731.

170.

243387

Muito Altos, e muito Poderozos Reys, e Senhores nossos.

Neste dia, no qual se comessarão a ordenar os annos de hum Principe, cuja vida se há de contar por Seculos, darei principio ao Tratado das Cortes, que devo escrever, tendo por felis auspicio, quando hei de fallar de huns actos em que a Soberania dos Principes brilha com maior resplandor, estar prezente, ainda que occulta, a Magestade no seu Oriente.

Em Cortes será perfeitamente
organizada huma Monarquia,
o mais formozo Corpo que há no-
mundo, conspirando todos á-
sua conservação, e augmento;
as ordens com o Conselho, o Mo-
narca com a rezolução, porque
depois que os Povos transferirão
pella Ley Regia no Monarca,
o poder de os mandar, digo, de os-
governar, ficarão só com a obe-
diencia para o servir. Mas
já estou conhecendo quão felices,
e fecundas são as influencias
deste dia, pois não só me vejo

no estado de satisfazer á primei-
ra obrigação, que tenho, mas
tambem, á segunda, fazendo-se-
me precizo quando hei de falar
das Cortes, discorrer sobre os
pontos duvidozos de Direito, per-
tencentes á nossa Historia.
Empenhado eu todo, em revol-
ver alguns Livros, quiz a Divi-
na Providencia, que topasse
com o da Accademia Real do
anno de 1727, aonde na Pagi-
na 140 achei, e li com atten-
ção as palavras seguintes =
E que depois no Congresso das-

das Cortes se poderia por meios
proporcionados introduzir aos
Povos, e mais braços do Reyno,
que como Legisladores excluis-
sem a hum Principe, e elegês-
sem a outro; porque assim se
havia executado nas Cortes de
Coimbra = Se a ideya que
este doutissimo Accademico
faz das Cortes he correspondente
às palavras com que se expli-
ca; outro he o Officio, outro o po-
der das Cortes, do que me pare-
cia; porque vejo, que na sua o-
pinião os Povos em Cortes são

Legisladores, e tem poder pa-
ra elegerem hum Monarca,
e excluir outro, a quem a na-
tureza junta com as Leys fun-
damentaes do Estado tinha de-
ferido a Corôa.

Estes saõ os pontos defficul-
tozos de Direito, pertensentes
á nossa Historia, cuja averi-
guaçaõ hé taõ necessaria, quan-
to saõ graves as consequenci-
as delle.

Naõ me posso persuadir, q.
hum Varaõ tal como Pedro Vi-
eira da Silva, afirmasse estas

proposiçoẽs, porque o naõ consi-
dero da oppiniaõ da quelles con-
tra os quaes escreveo Barclão,
e sendo homem prudente, ha-
via de ver quaõ deficil hera o
introduzir aos Povos o uzo deste
termo por ser do novo Accade-
mico, que como Legisladores
excluissem a hum Principe,
e elegessem outro, e que elles po-
diaõ alterar a forma de suce-
der, o que he o mesmo, que re-
conhecer nos Povos parte da
Magestade, existindo suces-

sores indubitaveis do Reyno, aos-
quaes se devolveria pellas Leys
do Estado a Coroa. Assim o diz
o mesmo Accademico, no mes-
mo Lugar Pag. 139 nestas pa-
lavras = E como aquelle Prin-
cepe tenha o direito da primo-
genitura, naõ se lhe podia ne-
gar o direito da sucessaõ da
Coroa, porque só os Povos, e os ma-
is Estados do Reyno, como su-
cessores dos primeiros Electores,
eraõ aquelles em que se tres-
passou o direito daquella Ley,
como partes continuadas do-

do Corpo politico deste Reyno, e
desta Monarquia; e que só el-
les a podião alterar, quando a
necessidade publica assim o pe-
disse =

Bem sei que este Accademi-
co se refere ao que ouvio ao Du-
que do Cadaval, o grande D. Nu-
no Alvares Pereira de Mello,
cuja falta nos seria mais sen-
sivel, se na grande pessoa de
seu Filho nos não deixa-se hu-
ma preciosa herança das suas
virtudes; porem como seja fa-
cil ao homem, ainda o mais

o mais prudente, o erro na perce-
pção, poderia succeder, que
este Accademico não ouvisse
tanto ao Duque, do qual não
vemos documento autentico,
para prova de tão estranhas
proposições. Eu não posso
em tão pouco tempo descor-
rer na vastissima materia
que nos offereceo este doutissi-
mo Accademico, o qual sem
necessitar da narração deste
incerto conselho do seu Heroe
Pedro Vieira da Silva, assáz fe-
cunda seara tinha nas ma-

mais auçoés delle, que fazem
hum precioźo ornato daquel-
le Cathalogo; mas em satisfa-
ção do segundo preceito, que
me impôz esta Real Accade-
mia, brevemente direi alguns
fundamentos da minha opi-
nião, os quaes me retardão a
prescripção da contraria.

Não há duvida, que nes-
tes Reynos a Monarquia hé
perfeita, e não como entre os
Laudemonios, cujos Monar-
cas estavão sugeitos ás Leys
do Estado, que todos os mezes

juravaõ observar; e por isso Aris-
toteles disse, que naõ heraõ ver-
dadeiros Reys. Nem como os
Reys dos Barbaros, que propria
mente hé huma dominaçaõ
violenta. Nem como os Dicta-
dores Romanos, porque estes
só tinhaõ poder, ainda que
summo, limitado, a certo tem-
po, no que se distinguiaõ dos
verdadeiros Monarcas, quais
saõ os nossos Augustissimos
Reys, nos quais naõ se pode
dár devizaõ da Magestade,
porque depois que o Povo trans-

transferio em hum só homem, e na sua posteridade o poder de os governar, tudo quanto podia fazer o Povo pode só fazer o Monarca, e já o Povo naõ hé huma só pessoa, mas huma multidaõ dezunida, sendo antes huma só pessoa por força e virtude do summo Imperio, que tinha, o qual transferio no primeiro, que nomeou, e nos mais, que lhe succedessem; e daqui vem, que hum bom Autor, fallando das Cortes, afirma, que em humas

partes as trez ordens juntas,
são hum Conselho grande
de hum Rey, a quem hé livre
determinar o que lhe parecer;
e em outras partes tem direi-
to para conhecer do que obra
o Principe, e de constituhir
Leys, ás quais hé o Principe
obrigado. Se considerarmos
em hum Senado, não só Con-
selho mas poder, digo, mas
tambem poder; necessaria-
mente havemos de reconhe-
cer nelle huma plena Ma-
gestade; e toda a Republica

seria Aristocratica; do que
se infere, que as Cortes tem
poder para aconselhar, e pa-
ra julgar, mas falta-lhe o de
executar, se o contrario não
estiver em uzo, como nas Die-
tas de Alemanha, e no Se-
nado de Polonia, os quais tem
parte de Magestade; porem
esta entre nós, está só no Rey,
sem que della participem já
os Povos: Com que devemos affir-
mar, que os Povos não podem
ser Legisladores, porque só
os Reys sem dependencia al-

alguma, tem poder para cons-
tituhir Leys, e tanto, que ou
podem naõ aprovar, ou der-
rogar as Leys, que forem cons-
tituhidas em Cortes, porq̃
para as constituhir em Cor-
tes naõ tem necessidade os
Reys. Naõ duvido que seja
necessaria maior cauza pa-
ra os Reys derrogarem as
Leys constituhidas em Cor-
tes, mas isto naõ provem
de que as Cortes tenhaõ po-
der para Legislar, porque

isto seria reconhecer nas Or-
dens parte da Magestade,
o que he contrario á Monar-
quia; mas porque como es-
tas Leys forão constituhidas,
precedendo o Conselho de mui-
tos, tem huma fortissima pre-
zumpção do seu acerto. Ain-
da no Reyno de Inglaterra,
aonde as Ordens se tem ha-
vido com os Principes, como
se houve com o Povo Roma-
no, Augusto, não he o Rey obri-
gado a aceitar as Leys, antes

ellas dependem da sua acei-
tação. Tão antigo hé nos Re-
ys o poder de só Legislarem,
quanto hé do seu principio
livre o seu Imperio; pois
antigamente os Povos trans-
ferirão o seu poder em Varões
dotados de grandes virtudes,
paraque os sustentassem,
ou com o braço, ou com o Con-
selho; e por isso alguns Au-
tores constetuhirão outra
especie de Monarquia, a que
chamarão de Heroés, deri-

derivando este nome do amor, de que obrigados os Povos, os constituhirão Reys, de cuja vontade só estava dependente o governo da Monarquia. Donde veio aquella maxima, que depois degenerou em tirania = Sic volo sic jubeo. De maneira, que tudo quanto elles determinavão, hera Ley; por ser esta huma determinação daquelle em quem rezide o Summo poder. E se os Povos são destituhidos de po-

der para Legislar, como he pos-
sivel que o tenhão para ele-
ger? He certo que nestes Rey-
nos pella Ley fundamental
do Estado, a Coroa se devolve
jure hereditario e isto tira
ao Povo todo o direito de ele-
ger, pois estabelecido o Scep-
tro na Familia, este se devol-
ve aos Sucessores, observada
a primogenitura, e aonde
quer que estiver o Sucessor
verdadeiro, lá o vai buscar a
Coroa. Tudo disse hum gr.^de^
Jurisconsulto, o grande Poe-

Poeta Gabriel Pereira de Cas-
tro, cuja doutrina alegarei,
pella sua amenidade; re-
zervando a alegaçaõ de mui-
tos Doutores, dos quaes hei ti-
rado quanto disse, e hei de
dizer para outro tempo.

„ Da sucessaõ illustre a descendencia
„ Suspensa ficará, mas naõ quebrada,
„ Seraõ os tres Felipes na apparencia
„ Sómente Reys. Que a linha derivada
„ Do grande Emmanuel sem violencia,
„ Será o seu justo sucessor tornada;
„ Que para tudo no futuro incerto
„ Os Fados acharaõ caminho aberto.

Nem o Sceptro lhe pode ser
tirado por consentimento,
e arbitrio da multidaõ, o que
se comprova da Escriptura
Sagrada, onde se vê, que o Po-
vo Judaico naõ tinha facul-
dade para eleger os Reys, po-
is succedeo na coroa Joaz de
sete annos, Ozias de oito, Ma-
nasses de doze; e he certo que
se este Povo, que tanto neces-
sitava de hum Rey belicozo,
tivesse livre poder para a elei-
çaõ de seus Reys, naõ havia

de consentir que hum Mo-
narca impunha-se com tan-
to prejuizo do Estado, como
este Povo conhecia, pella dou-
trina de Salamão: *Vœ tibi
terra, ubi Rex puer est*; e dei-
xar de pôr a Coroa, e Sceptro
na Cabeça, e braço de hum
Varaõ adulto, forte, robusto, e
prudente. Se as Ordens al-
guma vez juntas deliberá-
raõ sobre o Rey, que os havia
de governar, havendo pre-
tendentes á Coroa, ou achan-

do se alguma incapacidade
naquelle, a quem ella clara-
mente estava deferida por
direito, procederão então co-
mo Juizes, e não como Le-
gisladores, não elegendo su-
cessor, mas julgando o Scep-
tro, a quem por direito Patrio
havia de succeder, ou pondo
a administração na pes-
soa, que para elle fosse ma-
is proporsionada. E tanto
hé isto assim, que nos ca-
zos succedidos nestes Rey-

Reynos assim se praticou ex-
cluindo-se aquelles que eraõ
tiranos no titulo, ou dando-se
Curador, ou Regente aos Reys,
que por enfermidade naõ
podiaõ governar, o que se vê
em alguns exemplos das for-
tes alegadas por este pseudo
voto de Pedro Vieira da Silva.
E isto naõ he alterar o direito
de succeder, porque só quando
tornasse a vir para os Povos
aquelle poder que tinhaõ
dado ao Rey, e seus succesço-

res, faltando toda a posteri-
dade, a poderiaõ alterar, ou
mudar inteiramente a for-
ma do governo, fazendo-o per-
feitamente Aristocratico, ou
outra mudança, que para
tudo há exemplos no mun-
do, e taõ varios, quantos saõ
os Carateres das Naçoẽs que
o habitaõ, e assim se hade
entender o voto de Joaõ das
Regras nas Cortes de Coimbra.
Eu tenho reduzido esta gran-
de materia a huma breve

Dissertaçaõ, com aquella in-
dustria com que os Geografos
mostraõ em piquena Carta
alguma vasta Regiaõ, e como
mesmo sucesso que elles, po-
is ou nunca, ou raras vezes
os Mappas saõ ajustados,
sendo de taõ piqueno pon-
to; porem espero emmen-
dar este defeito, quando no
seu lugar sahir á luz o Tra-
tado das Sortes em que tra-
balho, cujos progressos de-
pendem das minhas fa-

fadigas; e agora suspenderei
fallar dellas, pella mesma
cauza porque se suspendiaõ
os Comissios Romanos, naõ ten-
do por infeliz auspicio, como
elles o rumor (quero por des-
cendencia cham, digo; quero
por decencia chamar lhe tro-
vaõ) que à pouco ouvi, e ainda
oiço.

No maior fervor dos Comi-
cios, se acazo se ouvia hum
trovaõ; sessavaõ os Romanos
de os continuar; assim faço eu
agora, e chegandome a ouvir

de mais perto este rumor, que-
ro ver se o percebo. Ouço que
hum doutissimo, e nobelissi-
mo Accademico pertende
despojar ao Collegio de S. Pedro
da Universidade de Coimbra,
dos titulos não especiozos, e
equivocos, mas verdadeiros, e
illustres, de Sacro, Pontificio,
e Real. Não permite o de-
coro, que eu me empenhe
em averiguar os espiritos
que muitas vezes movem
as tempestades, para ver se-

se deve recear esta, e só permi-
te que hum Filho de tão au-
thorizado Collegio, tome á sua
conta, não consentir que da-
quelle illustre corpo lhe rou-
bem os seus Genios, e Deozes
Tutelares: *ut animæ nascen-
tibus, ita populis Natales
genii dividuntur*. Tão an-
tigo hé o dezejo da conserva-
ção dos Deozes Tutelares, que
os Romanos os tinhão pre-
zos para que os inimigos lhos
não furtassem, e por hum pre-
ceito de Religião era prohebi-

bido o declararemse lhes os nomes; mas eu farei agora huma verdadeira narração dos nossos, e atarei com cadeyas de ouro, como fizeraõ os Tyrios ao Simolacro de Apollo, ao Altar de Hercules. E já que na prezencia de Suas Magestades se levantou esta nuvem, he justo que se dessipe na sua prezencia, e com signal da senioridade com que escrevo repetirei a quellas palavras de Cicero=

Defendo enim multos viros
præstantissimos, Collegium
totum: nam si hanc causam
tam idoneam, tam illustrem,
tam gravem non haberem,
aut mihi cum Collegio causa
tanta necessitudinis non in-
tercederent, nullus esset qui
meum factum aut consilium
non posset reprehendere =
E para maior clareza uzarei
da industria de Lucrecio.
Floriferis ut apes in saltibus omnia libant
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta.
Enzuminei a conta da quelle

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

illustre e igualmente douto Accademico, no que pertence ao Colegio de São Pedro, e do que colher de tão aurea erudição, tirarei o que ha de excercitar agora a minha Apologia.

Empenhou-se todo este doutissimo Accademico em mostrar que o Colegio de São Pedro da Universidade de Coimbra, busca pretextos para illudir a memoria do seu Fundador: Que com fundamentos solidos, tirados da mais bem

fundada oppiniaõ dos Dou-
tores, mostraraõ que hera con-
tra a Soberania, e regalia, uzar
o Colegio de epitheto de Pon-
tificio, e Sacro: e ultimamen-
te, que o Colegio, não hé Sacro,
Pontificio, nem Real. Bas-
tava para convenser esta no-
vidade o que já escreveo nes-
ta materia outro doutissi-
mo Accademico, quando deu
com summa seriedade
ao publico, o Cathalogo Chro-
nologico dos Colegiaes, e
Porcionistas do Colegio de S.

Pedro; mas como não sei porque destino tem ordinariamente as novidades huma força secreta, que arrasta os animos, he justo que eu dezabuze agora ao publico desta nova opinião, que se não for no principio combatida, pode ser que se entenda que foi aprovada.

Ne videar cuipiam, siquidem frivolis pretereo, id agnovisse potius, quam consensisse, como disse Assulugo, e com elle Amaya em defeza do-

do seu Collegio, contra a calum-
nia de Escobar; e naõ será
improprio este trabalho á
obrigaçaõ, que tenho de es-
crever sobre os pontos duvi-
dozos de Direito, pertencen-
tes á nossa Historia, por-
que se attentamente virmos
as propoziçoẽs deste douto
Academico, acharemos q̃
dellas podé rezultar naõ pi-
quenas duvidas, e nascer
huma Seara, como a que nas-
ceo dos dentes de Cadmo: Crevit
que seges clipeata virorum.

A primeira queixa deste dou-
to Accademico, he contra o es-
quecimento que o Colegio tem
do seu Fundador, o Illustris-
simo Bispo de Miranda
Ruy Lopes de Carvalho. Se o
Colegio naõ acha-se já a es-
te grande varaõ separado
da quella ordem vulgar dos
mais homens por estar sa-
grado com a dignidade Pon-
tificia, ou Episcopal, he taõ
grande o seu agradecimento,
que naõ será de o elevar com
titulos mais verdadeiros, e-

e honrados, do que uzarão os Romanos com o seu Romulo, a quem fizerão descendente de Marte. Tão vaidozos são os homens quando tratão dos seus nascimentos, que athé fazem filhos de Deozes aos Fundadores dos seus Estados. E sem serem as expreçoẽs do Colegio contaminadas de politica, como as dos Romanos, reconheceo ser aq.le Bispo quem deu cauza a que depois, pellos Pontifices, e

e Reys deste Reyno, tivesse o seu
ser, a sua subsistencia, e a sua
conservação; porque degene-
rando os herdeiros deste gran
de Prelado, daquelle arden-
te dezejo com que elle prin-
cipiou o primeiro Collegio, mo-
verão as suas dezordens os-
animos heroicos dos Reys
destes Reynos, e Pontifices, pa
que com outros Estatutos se-
erigisse o que agora dura fun
dado, e estabalecido no Sa-
grado Pontificio, e Real: Is-

to hé nas rendas, que do seu Patrimonio lhe largarão os Monarcas destes Reynos; e nos Estatutos que lhe derão os Pontifices.

Não tenho menos authoridade para mostrar, quão mal administravão os herdeiros daquelle Bispo as rendas do Colegio, em que entravão como parte principal a das duas Igrejas do Padroado Real, que a piedade, e magnificencia de ElRey D. João o 3.º lhe havia já da-

doado, que as Bulas do mes-
mo Colegio, e a reposta que hum
grande Colegial do Colegio de S.
Paulo o Doutor Lourenço Mou
raõ Homem, deu a Felipe 2.º
sobre hum Colegio que determi-
navaõ erigir em Coimbra, os her-
deiros de Antonio da Fonseca,
natural de Lamego, Banquei-
ro em Roma, aonde faleceo, que-
rendo comutar no tempo de
Xisto 5.º e Clemente 8.º em Cole-
gio, as obras pias que o Testa-
dor havia deixado. Diz es-
te Doutor entre outras estas

palavras = E como os Admi-
nistradores haviaõ de dar or-
dem ao governo do Colegio e seus
beins, da qui á minhã apli-
cariaõ para si a maior par-
te dos reditos, e poriaõ qua-
tro Colegiais por forma, e em si
converteriaõ a maior parte
da renda. E naõ hé isto novo,
mas em Coimbra o vimos no-
Colegio, que se chama do Bis-
po Malheiro, e no Colegio do-
Doutor Ruy Lopes ô Lim, Bis-
po de Miranda, que hé de
Saõ Pedro, a que se os Reys

deste Reyno, antecessores de S.
Mag. não accudirão, toda
a substancia dos reditos fica-
va em poder do Administra-
dor, Sobrinho do mesmo Bis-
po &. = Isto não hé illudir a
memoria do nosso Fundador
(sehé que na consideração do
estado prezente do Colegio, se
pode chamar Fundador) mas
hé fazer huma verdadeira nar-
ração dos principios, e progres-
sos do Colegio de São Pedro, e
não sofre a pureza da Histo-
ria enfeitar com Fabulas

os principios de algum Esta-
do, mas authorizalos com a
fé de incorruptos monumen-
tos, como sinceramente disse
Tito Livio; nem nós estamos
em negocio tão antigo, que
para fazermos a fundação des-
te Collegio mais augusta, se-
jamos obrigados a misturar
o Divino, com o humano, co-
mo disse o mesmo Livio, e
fazer huma fundação, que
este douto Accademico, quer
que seja de huma particu-
lar obra unicamente dos-

dos Monarcas, e dos Pontifi-
ces, como na verdade he, e por
isso desde o seu principio se
illustrou com os titulos de Sa-
cro, Pontificio, e Real, em ve-
neração dos seus Tutelares.
E somos chegados á segunda
queixa deste douto Accade-
mico, contra estes, não equi-
vocos, mas verdadeiros, não
especiozos, mas augustos ti-
tulos, que sem grande appa-
rato mostrarei pertensem
ao Colegio, sem cahir na in-
dignação dos Jurisconsultos

Modestino, e Paulo, tendo por-
mim estes testemunhos ma-
is authenticos, que se podem
achar nesta materia.
O Pontefice São Pio 5.º nas Bul-
las da instauração deste Co-
legio, claramente diz, que
ElRey D. Sebastião instan-
temente lhe pedira que o vi-
zitasse in capite, e in mem-
bris, corregisse, reformasse,
decretasse, estatuisse, fizesse e
ordenasse authoritate Apos-
tolica, tudo quanto fosse nes-
sessario a este Santo intento

o que se executou, e por virtude destas Bulas se revogarão os Estatutos do antigo Colegio, e se fizerão outros de novo, aos quais pôs a ultima mão o Nuncio Decio Carrafa, por authoridade da Santa Sé Apostolica, da qual depende immediatamente, como claramente se vê do Breve do Coleitor Gaspar Paulucio, dado em Coimbra a 20 de Outubro de 1610 _ <u>Collegarum Collegii D. Petri quod ad prefatam Sedem nullo pertinet</u>

mediante — De maneira, q̃
sendo necessaria alguma des-
pensa, recorre o Collegio emmedia-
tamente ao Papa, ou a seus
Nuncios, e Legados nestes
Reynos; e quem dirá que hu-
ma Communidade sugeita
tão emmediatamente ao Pa-
pa, e com Estatutos dados pel-
la Sée Apostolica, he o mes-
mo que qualquer Confraria?
He tal a força da verdade, que
insensivelmente obrigou ao
nosso douto Accademico, a con-
fessar o que assima dissemos

pois reconheceo que para se-
fazer a vezita que diz, no tem
po de Felipe 4.º sendo Reitor
da Universidade D. Alvaro da-
Costa, se pedira commissão ao-
Collector da Sé Appostoli-
ca, sem a qual se não poode-
ria fazer: Do que se mostra,
que o Colegio hé Pontificio, e-
necessariamente Sacro, em-
veneração da quella dignida-
de; o que se comprova mais
com a solemnidade das pa-
lavras de que uza o Reitor do-
Colegio, quando lança a Beca

a alguem novo Colegial, ou Por-
cionista, porque os cria mem-
bros daquelle Colegio, auctori-
tate Appostolica, a qual lhe
he concedida pellos mesmos
Estatutos, que saõ a alma
dos Colegios, e vida mistica
dos Colegiaes, como disse Cha
varri; e assim estando este
Colegio animado com este
episthecto, bem pode sem te-
meridade, antes com justi-
ça chamar-se, Sacro, e Pon-
tificio.

Os sigilos naõ só se es-

tabalecerão para argumento
da fé, que se lhe deve, mas tão-
bem da publica authorida-
de, como diz Mabillon, de re
diplomatica, e se olharmos
para o Sigilo do Colegio de São
Pedro, havemos de achar nel-
le a Thiara, e as Chaves da Igr.ª
em aspa, com huma Letra
que diz; Sigillum Sacri D.
Petri Collegii, e não hé crivel
que o Colegio arrogasse a si
hum tal Sigilo, sem autho-
ridade dos Monarcas deste

Reyno, e da Santa Seé Appos-
tolica, nem que esta em of-
fença da regalia, mandasse
nos Estatutos que deu ao Cole-
gio, que estas fossem as suas
armas, as quais fazem prova
nos Dominios, como hé doutri-
na vulgar, e para sua autho-
ridade basta a do Dezembar-
gador Antonio de Villas boas
de S. Payo na sua Nobiliar-
chia Portugueza Cap: 26, que
naõ só honrou a Naçaõ com
este Livro, mas tambem ao
Colegio de Saõ Pedro com a

pessoa de seu Filho, o Dezem-
bargador Pedro de Villas boas
e S. Payo, Lente de grande re-
putação na Universidade de
Coimbra; e não he muito que
este Colegio uze do titulo de
Sauro porque tambem uza del-
le o Colegio de S. Clemente na
Cidade de Bolonha, como cons-
ta de documento certo, por
estas palavras = Summaria
instructio eorum qui, sive a
parte praesentaturos, praesen-
tandos que post hac ad saurum

et perinsigne Collegium ma-
ius Sancti Clementis Hispa-
norum = Nem he destituhi-
da de autores esta verdade por-
que com este titulo de Sacro,
tratarão ao Colegio, o Doutor Jo-
aõ de Carvalho no seu Livro
de Testamentes, aonde tam-
bem se acha huma Carta
do Doutor Estevaõ de Miran-
da, uzando do mesmo titulo;
e o Doutor Manoel Rodri-
gues Leitaõ, Colegial do Cole-
gio Real de S. Paulo, falando
do mesmo Doutor Joaõ de Car-

vatho o nome a Colegial do Co-
legio Sacro, dizendo: In Sacro
D. Petri Collegio praestantissi-
mus Collega. Se este douto,
e Religiozo Varaõ presumisse
a prezente novidade, talvez,
que o seu cinsero animo nos
deixa-se mais documentos
para prova da justiça do Co-
legio, que defendemos. Con-
fesso tambem, que naõ posso
penetrar a razaõ, em que se
funda este nosso doutissimo
Accademico, quando adean-

ante a propozição, de que mos-
trara com fundamentos soli-
dos, tirados da mais bem fun-
dada opinião dos Doutores,
que he contra a soberania, e re-
galia dos Monarcas deste Rey-
no que o dito Colegio uze destes
epithetos, quando vejo huma
tradição continuada delles, au-
thorizada com os Estatutos
do mesmo Colegio, com os Bre-
ves da sua instauração, e
com a sciencia, ou para me-
lhor dizer, a provação dos mes-
mos Monarcas, os quais com-

com tanta instancia rogaraõ
aos Pontifices paraque fizes-
sem esta grande obra. O nos-
so Academico promette fazer
publicos os seus fundamentos,
mostrarei o valor da quelles, em
que sem offença da Magesta-
de funda o Colegio o direito que
tem para chamarse Sacro, e
Pontificio, pois naõ me posso
persuadir, a que os lugares q
neste Reyno ha da emediata
sugeiçaõ Appostolica, saõ con-
tra a Soberania.

Tanto se deraõ as maõs

os Pontifices, e Monarcas des-
tes Reynos, na fundação deste
Colegio como tenho mostrado,
e por isso eu sem temeridade
disse, que havia de atar com
cadeyas de ouro o Simolacro
de Appolo ao altar de Hercu-
les, que hé o mesmo que unir
na sua protecção a Tiara, e o
Sceptro, os Reys, e os Papas, Deo-
zes Tutelares delle, e fazendo
eu clara, neste pequeno discur-
so a justiça com que o Colegio
de São Pedro tem o titulo de
Sacro, e Pontificio, me paresse

que ninguem duvidará daquel-
le com que tambem póde hon-
rar-se com o de Real. Eu naõ
duvido que hajaõ Communi-
dades a que se deva o titulo de
Reaes, porque serem da im-
mediata proteçaõ dos Senho-
res Reys destes Reynos, e nes-
ta parte estaõ iguais todas
as que foraõ dotadas por elles,
receberaõ das mãos Reaes os
seus Estatutos, cuja observan-
cia depende dellas; porem co-
mo a Communidade do Co-

Colegio de São Pedro recebeo dos -
Senhores Reys destes Reynos,
D. João o 3.º e D. Sebastião, as -
duas Igrejas do seu Padroa -
do, em que consiste toda a -
sua substancia, digo, sua sub
sistencia, e deva ao Senhor Rey
D. Sebastião tanto cuidado
no seu augmento, como mos -
trão as instancias, com que
o procurou do Papa e lhe deu
parte da sua habitação Re -
al, que muito, que tambem
se honre com este titulo?
E por esta cauza Cabedo, fallan -

lando na Universidade, e dos Colegios que ElRey D. João o 3.º fundou, e ordenou nella, conta tambem o Colegio de S. Pedro; por haver-lhe dado este Principe as duas Igrejas do seu Padroado, atribuindo este Doutor, com quem concorda Portugal, a obra do Colegio deste Monarca, na consideração só da sua magnificencia, e com muito maior razão depois que por instancia de ElRey D. Sebastião

recebeo este Colegio do Papa a-
forma em que hoje existe,
se pode chamar Real. As-
sim o reconhece a Chronica
de Santa Cruz de Coimbra nas-
palavras seguintes = E pel-
la razaõ desta segunda fun-
daçaõ se pode chamar tam-
bem o Colegio de Saõ Pedro Re-
al = E naõ posso deixar de
fazer reflexaõ no Documen-
to que descobrio este douto Ac-
cademico, e he huma Consul-
ta da Meza da Consciencia, e-

de 23 de Novembro de 1628,
pello que reprezentou o mes-
mo Tribunal (saõ palavras
do nosso Accademico) na per-
tençaõ de D. Marcos de Noro-
nha, que pedia huma Carta
para ser admettido hum fi-
lho seu como Porcionista do
mesmo Colegio = Que naõ era
decorozo que Sua Magestade
lhe escrevesse, porque nem ha-
via memoria de exemplo se-
milhante, nem o Colegio de S.
Pedro, era da protecçaõ de Sua

Magestade = Trez couzas conthem esta reprezentação da Meza; a primeira que não hera decorozo que Sua Magestade escrevesse ao Colegio, a segunda que não havia exemplo, digo, havia memoria de exemplo semilhante, terceira, que o Colegio não era da protecção de Sua Magestade; porem ou esta Consulta hé apocrifa, ou errada na suppozição deste Accademico, porque no Cartorio do Colegio se achão muitas Cartas dos-

dos Senhores Reys destes Rey-
nos para o mesmo fim para
que a pedia D. Marcos de No-
ronha. Por Cartas Reaes forão
aceitos, Francisco da Silva, Al-
varo Mendes de Vasconsellos,
Varaõ insigne; depois com o no-
me de Fr. Joaõ de Vasconsellos
da Ordem illustrissima dos Pre-
gadores; D. Jeronimo Masca-
ranhas, e outros muitos, com
que, naõ hé indecorozo escre-
verem os Reys ao Collegio, há m.tos
exemplos disso. Que a Mezā

da Consciencia duvidasse escre-
ver ao Collegio nesta pertenção
tinha fundamento para as-
sim o reprezentar; porque co-
mo o Collegio pellos seus Esta-
tutos não depende daquelle
Tribunal, pareceria impro-
prio sahir delle esta rezolu-
ção que os Reys podião tomar
por outro expediente, e com ef-
feito tomavão, escrevendo Car-
tas asignadas pella mão Re-
al, não só pouco depois da
Consulta da Meza do anno
de 1628, pois no anno de 1629

se acha a Carta de Felipe 4.º a fa-
vor de D. Jeronimo Mascara-
nhas, mas ainda anteriorm.te
para que se não diga que an-
tes da dita Consulta não cos-
tumavão os Reys escrevelas, né
havia exemplo; consta da Car-
ta com a data de 28 de Novem-
bro de 1616 a favor de Francis-
co da Silva a onde se vê a hon-
ra com que os Reys tratavão
o Colegio = Reitor, e Colegiaes do
Colegio de S. Pedro da Univer-
sidade de Coimbra. Eu El Rey

vos envio muito saudar. Luiz
da Silva, do Conselho do meu
Estado, e Vèdor de minha Fa-
zenda, pertende que seu Filho
Francisco da Silva entre por-
Porcionista nesse Colegio, e por-
que nelle concorre as qualida-
des e partes que sabeis, para
estimardes a sua companhia,
me pareceo que por esta vos di-
via significar (como o faço) que
recebereis contentamento, e vos-
agradecerei muito que para
elle ser recolhido no dito Cole-
gio deis a ordem necessaria; e-

e para a sua sustentação da-
va Luis da Silva a porção ordi-
naria. Escrita em Lisboa a 28
de Novembro de 1616 = E não só
os Reys escreverião Cartas para
se aceitarem pessoas do seu Re-
al agrado, mas tambem para
agradecerem ao Colegio o havel-
los aceitado. Consta da Carta
de 25 de Setembro de 1619, agra-
decendo terem aceitado a Chris-
tovão de Tavora, Filho de Ruy
Pires de Tavora, Reposteiro mór.
E isto se praticou athé o Senhor

Rey D. Pedro 2.º que tambem es-
creveo ao Collegio a favor de Ruy
Pires de Tavora, Filho do Mar-
quez de Tavora. E se a Meza
olhando para a independen-
cia das suas rezoluçoẽs, com
que o Collegio se governa, dizia,
que naõ era da protecçaõ Real,
assim o confesso; mas isso naõ
impede a que na consideraçaõ
das grandes rendas com que
os Monarcas o enriquecêraõ, da
habitaçaõ Real que lhe deraõ, e
outros naõ piquenos favores com
que o illustraraõ, sendo a maior

detodas aquelle explendor com q̃
se acha hoje hum dos olhos da
Universidade das mais celebres
do Mundo, se possa atribuir
o augusto nome de Real. E se
nada disto basta para justifi-
car este tão grande epitheto,
não haverá quem possa ne-
gar o maior direito ao Colegio
no seu agradecimento. Diz
Aulo Gelio, que os nomes não
são impostos por hum cazo
fortuito, mas por huma cer-
ta força e rezão da natureza.

Se esta doutrina foi alguma vez verdadeira, hé agora, pois não havendo couza mais natural que o agradecimento, comovido por este nobelissimo affecto o Collegio de S. Pedro, diz, e dirá sempre aos Augustos Monarcas destes Reynos, o que em outra embarcação digo occazião se disse a Augusto Cezar.

Per illos vivimus, per illos navigamus,
Per illos Libertate ac fortuna fruimur.

Carta

Do Doutor Pedro de Alcoem p.ª o Duque de Bragança D. João o 1.º

1581

Muito Illustre Senhor Duque de Bragança.

Obrigame escrever a V. Ex.ª cá des-
toutro mundo de verdades, e de-
zenganos, sobre este negocio de
tanta importancia, e materia
tão importante á honra, vida,
e estado vosso, e de todos estes Rey-
nos de Portugal, aos ossos, e me-
moria de hum Avô, que tives-

243388

tivestes muito conhecido no-
Mundo; a quem em tempo tão
necessitado de homens, qual
elle foi na vida, por nossos, e
vossos peccados succedestes no-
Casco da Illustrissima Caza
sómente; que na lealdade Por-
tugueza, no Coração Real, no ze-
lo da conservação do Reyno q
houvereis de herdar, afamados
no mundo todos os Oleiros, ça-
pateiros, Alfaiates, e os Mestres
do Paço, vos furtarão a benção,
e o lugar, mostrando-se tão in-
teiros, generozos, leais neste der-

derradeiro termo, que Portugal fez, e com que acabou por alguns annos, como se os previlegios honrozos, ou os titulos illustres, e os Morgados, e Reynos, forão seus delles, e não vossos, e como se de Rey natural (que podião dár, e darmos) não fora sem-pre o melhor, querião vosso, e dos mais Senhores Fidalgos, a quem o Rey favorecia, conser-vava, e sabia o nome, e com quem destribuhia a maior parte dos bens da sua Coroa fi-cando elle sómente com o Es-

Estado, e titulo Real com as obri-
gaçoẽs de nos defender a todos,
e governar: porque quem vir
com curiozidade as rendas da -
Coroa, e beins Patrimoniaes
dos Reys nas Alfandegas, nos -
Contos, e nas Cizas da Cidade
de Lisboa, do Porto, e das ma-
is, achará esta verdade cla -
ra, porque todo o bom, e grosso
estava devidido, e determina -
do em juros, e tenças, e morga -
dos, Reguengos, jurisdicçoẽs de
Villas, e Vassalos, tudo desmem -

membrado da Corôa Real, nos Senhores e Fidalgos do Reyno. De maneira, que mais parecia o Rey seu Pai, ou Almoxarife delles, que Rey, e Senhor. Oh mál afortunados tempos! Era infelice edezaventurada! E lastima para sentir, quem de todo não perdeo o juizo, com as rezões Castelhanas de Portuguezes Elches.

Hé possivel que chegarão estes mesmos Senhores de bom sangue, de bom nome

e alguns delles, (ainda que pou-
cos) de bom intendimento, de
sua livre vontade, e motu pro-
prio a escolher, e a negociar por
todos os meios humanos, e dia-
bolicos extinguir-se com o Scep-
tro Portuguez, sua Patria, Na-
ção, sua fama, estados e suas
mesmas Cazas, vencidos de
respeitos, odios, e interesses?
Mal me pareçe lhes lembrou
a quella notavel resposta, que
o Conde de Ourem D. Nuno Alva-
res Pereira deu a seus Irmã-
os, em outro cazo semelhante

a este, o qual tendo guerras com -
Castella o Mestre d'Aviz, que de -
pois foi Rey D. João 1.º de glorioza
memoria, e andando os Irmã -
ôs deste valerozo Portuguez, lan -
sados da parte de Castella, sen -
do cometido delles por parte
do Rey Castelhano, com gran -
des promeças, e partidos, que
se lançasse tambem com elles,
respondeo: Nunca Deos queira,
que por dadivas, nem averes,
eu seja traidor, ou ingrato á ter -
ra que me creou, e onde eu nas -
ci. Os Senhores Fidalgos des -

deste nosso tempo, por interes-
ses, e promessas falsas, assigna-
das em branco, não só vende-
rão sua Patria, mas pregoa-
vão, e persuadião esta Seita
Castelhana com tanta vehe-
mencia, elles, suas mulheres,
Filhos e Creados, e com tantos
dezejos de nos verem a todos con-
vertidos a ella, que Martino Lu-
tero, e outros Heresiarcas que
o seguirão, não zelarão mais
seus erros, e falsa doutrina, pa-
ra averem perpetuada na
Igreja de Deos.

Hora Excelente Senhor, que-
ro vos Capitular brevemente
os erros gravissimos, que neste
negocio comettestes, com os ma-
is Senhores, e Fidalgos desta
conjuração, para que vendo vos
a vós, e a elles neste espelho
claro, não percais alguma
boa occazião se a Deos der em-
algum tempo, de Cobardes.
o nome Portuguez que por-
destes, tanto para Cobiçar, e-
perderes o que ganhastes vós,
e os mais, por todas as Naçõ-
és the com o mesmo Rey, e-

e Nação, a quem nisso servis-
tes, pois chegarão a chamar
à rua onde os Governadores
moravão, quando fugirão de
Setubal (La Calle de los trai-
dores) e não cuido que nisto
vos faço piqueno serviço, e ao
bem Comum.

Primeiramente o Senhor
Cardeal dos 4 Coroados, jurado
por Rey em Lisboa) lembran-
dolhe a obrigação que tinha,
e perigo entre mãos, de con-
servar este pedaço de terra, que
seus antepassados tirarão aos-

aos Mouros, e defenderaõ aos Castelhanos á perto de 500 annos, á custa de muito sangue derramado delles, e de seus Vassallos, em continuas guerras com huns, e com outros; logo se acautelou para segurar o Reyno em sua liberdade, e Rey natural, com perseguir ao Senhor D. Antonio, seu Sobrinho, e a Setemor de Bragança, mandando-os afastar de si, o mais que pode e metendo nos braços os Embaixadores de Castella.

Dois erros infames comet-
teo esta leal Cidade em nossos
tempos que eternamente nun-
ca lhe sahirão do rostro, se hou-
ver Chronista dezapaixona-
do. O primeiro foi consentir,
e permittir a dezaventurada
jornada de ElRey D. Sebasti-
ão que no seu porto se em-
barcou francamente, sem
hum Vereador, ou Mister,
que acodisse a huma hon-
rada doudisse Portugueza.

O Segundo erro foi acei-

aceitar esta Cidade ao Cardeal por
Rey, e dar-lhe posse do Reyno, sem
mais Cortes, nem Consulta das
outras Cidades e Povos, tão nobres,
e mais naturaes do Reyno: do
que a maior parte da gente de
Lisboa, recebendo esta Cidade
por herdeiro, com autos publi-
cos, e não menos que por her-
deiro legitimo, e forçado, sendo
Clerigo, e impotente, podendo
(já que o queria) elegelo em
nome de todo o Reyno, por seu
Rey arbitrario, e eleito, com pro-
testação de por sua morte

que taõ perto estava á vista;
ser outra vez á eleiçaõ dos Po-
vos. Fes este taõ máo Consd.°
e tamanho erro, que bem pa-
receo faltar aqui hum Joaõ
das Regras, que o lembrasse, e
requeresse.

Hera este Principe, como
V. Ex.ª sabe, irmaõ ultimo, e in-
ferior a tudo, a sinco que teve,
e muito aborrecido delles todos,
e de seus proprios Pais, de que
naõ faltaõ ainda testemunhas
vivas, por ser homem de bai-
xos espiritos, e Condiçoẽs, ten-

tensuro vingativo, para pouco,
tão inimigo da Nação Portu-
gueza, e de seu proprio sangue,
que por mostrar esta nature-
za sua, perseguio ao Sobrinho,
aleivando-se aos Castelhanos.
Foi este Principe guardado
com vida tantos annos, depois
da morte de todos seus Irmã-
os, Sobrinhos e herdeiros do
Reyno, que forão vinte e tantos,
para nos herdar, e governar com
tantas dezaventuras, e mofinas,
que lhe o dão da Ilha da Ma-
deira tão afrontozo o vimos no

no seu governo, e tempo. He
para ser dezonra de todos seus
Avós, que com tanto animo, e
esforço offerecerão sempre a vi-
da, e Estado por nos não dei-
xarem captivos de Castelhanos,
lansando ainda muitos del-
les em seus testamentos, e car-
tas grandes maldições, e par-
ticularmente ElRey D. Mano-
el seu Pai, a todos seus Filhos,
e Succesores, se em algum tem-
po pertendessem aliança des-
te Reyno a Coroa de Castella, co-
mo se pode ver nos Cartorios

da Torre do Tombo, da Cidade de Lisboa, e de Evora.

Algum tempo, este velho covarde, e cruel, depois de ser Rey, dizem que esteve inclinado a declarar a Senhora D. Catherina mulher de I. Ex.ª se por doe, por herdeira, e direita successora do Reyno; paresse que os remorsos destas maldiçoẽs, ou remordido na Consciencia de algum bom espirito com que Deos não falta. Depois de encarniçado com as lagrimas nos olhos digo, com as-

lagrimas que via nos Portu-
guezes, por sua má, e nativa
inclinação, ajudado com as
pregações de D. Jorge de Atay-
de ex.º algôs da Corte, e d'outros
discipulos occultos do Duque
de Ossuna, que pella unitiva
desviava, ajudando-se do Pa-
dre Fr. Leão do Subreiro, e da
Subreira, por evitar guerras, se
mudou este Rey Portuguez des-
te Santo propozito, protestan-
do-se de maneira na devoção
de Felipe, e odio dos mais per-
tenuentes do Reyno, que nem

requerimento dos Misteres, nem lagrimas dos Povos, nem dezenganos de Procuradores das Cidades o demoverão nunca deste obstinado intento; antes vendo que o Povo punha os olhos, cheios de esperanças no Senhor D. Antonio, por sua rara humanidade, e por falta de não verem outrem, todo seu negocio neste tempo foi proceder contra elle, e com Sentenças crueis, Cartas de editos infames, sendo Sobrinho seu, e Filho do mais honrado Irmão, e ami-

go que elle teve na vida, a quem
tomava por terceiro, quando que-
ria que ElRey D. Manoel seu
Pai ouvisse, ou visse.

E para que V. Ex.ª veja quão
descoberto Castelhano era com-
os da Conjuração, que depois
se descobrio, e elles; hum dia es-
tando em pratica com alguns
dos Portuguezes, desses que tra-
zia á ilharga, chegou a dizer, q
lhe pezava d'huma boa som-
ma de mil cruzados de hum
alvitre, que aplicara a obras

pias, pella não mandar gas-
tar nos Paços de Evora, pa-
ra que quando entrasse o Cas-
telhano (a quem nesta occa-
zião chamou Sobrinho) tives-
se logo na entrada bons apo-
zentos aonde se recrear.

De ElRey D. João o 2.º se con-
ta, que dizia muitas vezes á
meza, entre pratica: Quem me
podera fazer entre Portugal,
e Castella hum muro de bron-
ze, que chegara athé o Ceo, que
nem os passarinhos de lá vas-
sem para cá, porque nenhum

bem nos vem della, e males m.^{tos}

Caraculos, Excelente Senhor,
que se este Santo Rey lá onde
elle está descansando, e inda
está inteiro seu Corpo ouvira
estas palavras de hum seu
Sobrinho, e herdeiro, que ficara
contente, e as aprovara por
acertadas?

Estes forão seus dezenhos,
e intentos, nos quaes continu-
ou sempre, entretendo pouco,
e pouco, com promessas falças
que lhe daria Principe Por-

Portuguez, e em páz thé sua
mortal doença, na qual fes
hum testamento taõ Catho-
lico, taõ Portuguez, taõ pio, taõ
cheio de esmolas para Mos-
teiros, e viuvas pobres, e com
boa declaraçaõ de Succesor do
Reyno, que em quanto o mun
do durar será escandalo pa-
ra quem delle souber, porq taõ
escasso, e cruel, taõ descuida-
do das couzas do Reyno se
mostrou, deixando por sua
alma como hum pobre Es-
cudeiro, para que tudo ficasse

insolidum a Felipe, que chega-
rão athé cantarem pellas ru-
as de Lisboa, e Santarem, pu-
blicamente aquellas oraçoés
por sua alma, que elle bem
merecia, mas porem nunca
ouvidas dos Christaós, innocen-
tes mininos, os quais diziaó
assim.

Viva ElRey Dom Henrique
No Inferno muitos annos,
Pois deixa em testamento
Portugal aos Castelhanos.

Inda que por obra isto naó
foi verdade, de tal maneira

deixou elle as couzas ordena-
das, e sua tenção declarada
aos que deixava cometido o ne-
gocio; que tinha razão o Povo
de lhe cantar estes louvores.
Mas deixemos já de fallar
nos escandalos que este Ante-
Christo deu ao Reyno; porque
esperamos ainda em Deos,
e na Justiça Divina, que se
forem vivos alguns Portugue-
zes, dos que agora andão es-
condidos, perseguidos, e prezos,
quando Portugal resuscitar

que a sua Ossada que Felippe
trasladou para Bellem, acom-
panhada dos que estão em
Elvas, no Espinheiro de Evo-
ra, e em outras partes, sejão
publicamente queimadas,
já que Deos foi servido desse
a alma, a cuja hera antes do
Corpo chegar a este tempo tão
dezejado, em que pagará quan-
to tem feito na vida, em geral,
e em particular a este misi-
no Reyno, comessando no es-
tado Ecclezia-stico Religiozo

acabando no Seculilar, de que de todo os afolou e consomio, e ambos da maneira q̃ estaõ.

Os Sinco traidores do governo, com o titulo de Defensores nossos, e Governadores do Reyno, herdando por morte deste Princepe, o odio que elle tinha do Senhor D. Antonio, e á Naçaõ Portugueza, de maneira, ~~que~~ comessaraõ logo em tomando o governo a guardar todos os respeitos a Felipe, e a seus mexeredores, ou Embaixadores, e nenhum

aos Pertensores, assim naturais
como Estrangeiros, que logo se -
vio, que dominava nelles o hu-
mor Castelhano: por onde pello
infame nome que então cobra
rão para si, e para seus descen-
dentes, terão sempre a culpa do -
nosso afrontozo Captiveiro, e de
todos os males que á sombra
da boa guerra se fizerão neste
triste Reyno.

Nem foi piqueno descuido,
e pusilanimidade dos Procu-
radores das Cortes, temendo isto
dantes darem-lhes paçifica

obediencia; reconhecendo nelles
a Magestade Real, porque
álem de nisso abrirem mão
da occazião, e posse, que o tem-
po lhes offerecia de ser do Povo
a elleição do Rey, ou de quem
os governasse, thé se isto deter-
minar, mostrarão grande co-
bardia, vendo já nelles o que
d'antes temião (tendo as costas
quentes em Santarem) não os
mandar todos a pôs o Cardeal,
a juizo, a dar contas das dana-
das tenções. porque áse se San-
tarem dezembainhara como

o tempo pedia, e a Carniça co-
meçara em Almeirim por
estes traidores, e outros, que á sua
sombra estavaõ já vistos por
falços Castelhanos, o Reyno des-
pertára, e tornára sobre si, pa-
ra que nunca vissemos a po-
der de Castelhanos, nem ouza-
riaõ entrar elles cá, se vissem
estes começos sangrentos, por-
que saõ tambem sadios, e ne-
cessarios.

D. Manoel de Portugal, e
hum Phebus Moniz, requere-
raõ nas Côrtes, que ou tirassem

os Governadores supostos no go-
verno, ou thé acrescentassem ou-
tros sinco; mas nada aproveitou
para animarem os espiritos
cobardes, comprarem-se de su-
as palavras, e que postos em-
tão alta dignidade com titu-
lo de nossos defensores, farião
como Leaes o que erão obriga-
dos á Patria, e á justiça; mas
foi engano claro, e grosseiro, por-
onde os traidores cobrarão tan-
to animo de o não verem em -
ninguem para lhes hir á mão,
e de se verem reconhecidos por-

por suprema, e Real dignida-
de, que sem temerem, nem fa-
zerem caso de Cortes, continua-
rão dezembuçadamente em a
venda, e entrega do Reyno, co-
mo lhe ficara encomendada
do Rey Cardeal.

Mas para sua traição e
maldade ser mais abonada
e espantoza, neste mesmo tem-
po comessarão a meter o in-
nocente Povo em pensamen-
tos de guerra, e defenção da Pa-
tria para o desmaginarem dos
terrores, e desconfianças que

nelle virão, maldade foi esta nũ-
ca vista, nem lida em histo-
ria antiga, nem moderna,
porque se nos meterão a todos
nos contratos, e partidos, em-
que andavão com Castella, fo-
ramos vendidos, ou entregues
com menos deshonras, e per-
das, porque não estava Feli-
pe dezarrezoado nos partidos
e condiçoĩs que nos cometia,
ainda que nunca os compri-
ra, como fez a elles; mas estes
Senhores para melhor faze-
rem seu proveito com este Rey

Estrangeiro, a quem pertendi-
aõ ganhar a vontade, quize-
raõ elles sómente com seus
Parentes, e amigos, ser os que
negociaſsem esta contrataçaõ
paraque o Povo (que destas
meadas naõ tinha mais que
suspeitas e receyos, na rezis-
tencia, e defençaõ que fizeſse,
lhe acrescentaſsem delles me-
recimentos, e serviços para cõ
Sua Magestade lhe aſsim,
que paleadamente se comu-
nicavaõ todos nesta conjura-
çaõ, com cartas, e Correios se-

Secretos, muito tempo antes da morte do Rey Cardeal, e depois della (que hé cazo de grande espanto) correndo entre elles esta linguagem de chamarem aos da Conjuração sezudos, tendo por nescios, e doidos os que não sendo da sua liga, querião antes morrer valerozamente em defenção da Patria, que vella entregue por traiçoes, e manhas, sé ordem, nem justiça a seus inimigos, com perpetua infamia do nome Portuguez, chaman-

do aos tais por escarneo, os Leais; de maneira que neste tempo em que o Reyno ardia em motins, e confuzoês, em temores, esperanças, suspensos, e confuzos dos sucessos deste negocio; começarão elles Senhorias a ratificarem mais seus ardiz, e traiçoês, com mandarem Cartas e Provizoens por todo o Reyno ao Estado Ecleziastico, em que pedião, e encomendavão aos Pregadores e Curas das Igrejas, que

claramente dicessem ao Povo,
no pulpito, e suas Estações, q
se animassem á defenção do
Reyno, aparelhassem armas,
e fortificações nos muros, por-
que elles tinhão já manda-
do prover as rayas, e ordenar
Fronteiros mores, para que
passarão Provizões a Fidal-
gos para isso, como foi a D.
Diogo de Menezes na Comar-
ca do Alentejo; a D. Luiz de
Portugal na Comarca de Tho-
mar, e assim com estas fal-
sas mostras de Leaes a bora

çarão o Povo a falsas esperan-
ças de liberdade e defensão pô-
de todo ficar perdido e abati-
do no futuro. Possivel hé que
algum dos sinco Governado-
res teria santo, e leal intento
neste dezenho, porque se afir-
ma que alguns lhe rezestirão,
e que o Arcebispo de Lisboa
não quiz que dentro na lida
de se publicasse, nem prégas-
se este apercebimento, mas
elles todos juntos não fizerão
mais neste negocio da liber-

verdade Portugueza, que o as-
sima dito tem, mitterem ma-
is cabedal, ou fazerem mais
despeza para effeito, que de
papel e tinta: He certo que
cuidarão, que assim como Fe-
lipe com estas armas con-
quistara a elles, e aos mais
Fidalgos do Reyno, assim
tambem com papel e tinta
nos defenderiamos dos Tudes-
cos e Italianos, que elle tra-
zia enganados havia dois
annos, para os meter em Por-
tugal.

Mais se afirma por verdade,
que muita parte desta artelha-
ria, digo, desta pouca artelharia,
&c, espingardas, e muniçoés
de guerra, que estes traidores di-
zião que mandavão aos Fron-
teiros do Alentejo, por tapparem
a boca aos que lá estavão, pas-
sou encoberta pella ponte de
Badajóz, como na verdade pas-
sou. Taes estavão os Castelha-
nos, que depois de Felipe fal-
tar com dadivas os Alcaides
mores deste Reyno, e os Fidal-

gos, e ter por si os Governadores, e o Povo dezanimado delles, por ver que alevantavão o poder do Castelhano athé ás Nuvens, abatendo o nosso, pregoando por impossivel nossa defenção contra Castella, e percebendo-se os Castelhanos dois annos contra nós, ainda entenderão ser-lhes necessario ajudarem-se das nossas munições, e armas, para poderem pelejar contra nós.

Tinha entendido este cobiçozo Rey por espias Ale-

mans, que cá mandou reconhe-
cer os Fortes do Reyno em vi-
da do Cardeal Rey, sómente
para bater os Castellos da raya,
se nelles houvesse de entrar,
havia mister gastar toda a sua
fazenda em polvora; porque se
não tivesse por si todas estas
achegas, se armas, polvora, chũ-
bo, tirandonos tudo isto a nós
neste tempo: só Elvas com seu
termo onde há perto de 1400
homens de pé, e de cavallo, bas-
tava para nos Olivais, antes
de chegarem os Castelhanos

a bater nos muros, athé conso-
mir todas as suas forças com
arcabuzaria Portugueza; os
traidores dos Governadores o se-
gurarão deste perigo. Se es-
te Rey tivera ordem de justiça,
e seguira o bom natural, que
se acha athé no Turco: se q.do
lhe entregarão Fortalezas por
traição, como foi Nicosia em
Chipre, Negroponte na Mar-
ca, e outros Lugares de Chris-
tãos, nos Governadores, e ouve-
ra de mostrar a crueldade
Castelhana, que com nosco

ter em todo estado; pois naõ
menos traidores se mostraraõ
na entrega que lhe promete-
raõ, do que foraõ na defençaõ,
que nos deviaõ; porque nem
com elle trataraõ verdade, pa-
ra nos entregar, nem com-
nosco para nos defender, aniká-
do em tudo preplexidade, e in-
convenientes, em que hé for-
çado cahir quem naõ vai pel-
lo caminho da razaõ, tendo
a Deos por norte.

Chegaraõ estes traidores
a tanta cegueira, e dezaverго-

nhamento, que tendo jurado
todos naõ tomar vox por al-
guem, sem se dár primeiro
Sentença pellos Letrados De-
putados na cauza, avocaraõ
a si, e intentaraõ devendo a
Setubal ser Juizes em cazo
taõ grave, e taõ duvidozo dár
Sentença por Felipe. Para
este fim se partiraõ de Al-
meirim para Setubal, por-
to de már, convocando a ella
os mais dos Fidalgos da con
juraçaõ, assim Leigos, como
Eccleziasticos &c.; o Meirinho

mór, D. Antonio de Cascaes, D.
Fernando de Linhares, D. Jor-
ge de Tayde, o Bispo Pinhei-
ro, e outros muitos, que seriaõ
perto de quarenta Fidalgos
conhecidos. Mandaraõ logo
fechar todas as portas da Vil-
la, de pedra, e cal, da grocura
do muro, deixando só duas
abertas com guarniçaõ de
soldados postos nellas, para
que naõ entrassem dentro se
naõ os da conjuraçaõ. Nes-
te tempo o Conde Portuguez
de Vimiozo, herdando o espi-

rito do Conde D. Nuno Alvares Pereira seu Tresavô, que em Almeirim tinha já visto su- as traições, os veio seguindo a Se- tubal muito á pressa para ver se podia impedir tanto mal, quanto se temia. o que enten- dido por elles, antes do Conde chegar mandarão dar reba- te ao traidor Diogo da Fonce- ca, seu Guarda mór na mes- ma Villa, que por nenhum cazo o deixasse entrar den- tro, e assim o esperou em am- bas as portas com murrões

29º acessos para lhe defenderem
a entrada; mas antes d'elle che-
gar, vendo estes traidores que
o Povo da Villa sabia isto, e se
comessavão de motinar por-
parte do Conde Portuguez, e q̃
estorvava grande parte de su-
as esperanças, tornarão a mandar
recado, que o deixassem entrar,
a tempo que elle já vinha pe-
los arrabaldes. Depois de en-
trado na Villa, vendo que es-
te Conde Portuguez, com al-
guns Procuradores das Cor-

tes que á sua sombra se foraõ
tambem lá, lhe rezestia a se-
us maliciozos intentos, de que-
rerem ser juizes, e dár senten-
ça, e que naõ podia isto ser
pellas rezoẽs e embargos que
lhe punhaõ; uzaraõ de outra
invençaõ, e ardil, naõ menos
dezaforado que o primeiro,
querendo avocar a cauza e li-
tigio da succeſsaõ do Reyno a
votos dos que entaõ achavaõ
prezentes, e porque os Procura-
dores das Cortes, que se ali

achavão á sombra do Conde, forão
leaes, e muitos determinarão de-
reduzir neste Conselho a eleição
a votos dos trez Estados, a saber,
Ecclesiasticos, Fidalgos, e Procu-
radores dos Povos, a numero de-
trez votos sómente dizendo,
que não hera tempo para ma-
is vagar, por ser já Elvas en-
tregue a Felipe, senão de vota-
rem todos Portugal, ou Castel-
la, por favas brancas e negras;
Os trez Estados cada hum por-
si, e para onde prevalecessem
os dois Estados nos vottos, as-

assim se fizesse; porque como tinha por si os votos dos Fidalgos, ao qual Conselho acrescentarão mais alguns homens novos, a saber Bernardim Ribeiro, e outro, por se segurarem mais neste voto. Tinhão tambem pella segunda liga, o segundo voto que hera o do Estado Eccleziastico prezente, q hera o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Tayde, Capelão Mór, o Bispo Pinheiro; o terceiro voto que tinhão reduzido todos o dos Procuradores dos Povos

não lhe fazia máo jogo, ain-
da que votasse por Portugal,
e por defincão. Esta panella
assim mexida por D. Christo-
vão de Moura, e proposta no
Conselho pleno, não pareceo
bem nos Leaes, e logo o Conde
Portuguez acodio, e rezestio
a ella com os Procuradores
de sua tenção, protestando, q
a tal eleição não seria valio-
za, e que em cazo tão grave,
e tão importante a todo o
Reyno, já que o não queria
deixar nos pareceres dos Le-

trados, senão dos votos, e pa-
receres, que mandassem pri-
meiro chamar os mais Pro-
curadores, e Senhores do Rey-
no, paraque o que ali se acor-
dasse, e rezolvesse, fosse con-
sentimento, e contentamen-
to das partes; Mas como os
traidores do governo, e Fidal-
gos da conjuração estavão
de muito tempo penhorados
por Castella, e não sómente
na Villa, mas tambem nas
mesmas Cazas do Duque de
Aveiro em que moravão, com -

com muitos mosquetes, polvo-
ra, e pelouros, para fazerem a
sua mais a seu Salvo; esperá-
do de hora em hora pellas ga-
les de Felipe, que tinhão mã-
dado vir para este intento.
Nenhuma couza se demoveo
pellas protestacoẽs, e requerimẽ-to
que lhe forão feitos sobre este
cazo; estando tão enfadados
da tardança que as Gales fa-
zião em chegar, que se ouvio
hum dia esta palavra ao Tur-
co D. João Mascaranhas, in-
do pella varanda que man-

mandou tapar por se temer de
algum pelouro bem merecido; Al
Felipe que a si es vagarozo; e co-
mo Deos não queria que o inno-
cente, e leal Povo ficasse embara-
çado na conciencia com a sen-
tença, e abominavel eleição do
Rey; cursarão tantos nortes, e
tão rijos todo o tempo que elles
esperavão pella Armada, que de-
pois de muitas Consultas, e Con-
ficoēs de acordos, em que houve
hum dia apanhar. n quaze
todos os do Conselho contra o fon
de Portuguez, deichada a traça

da Sentença, seguirão a da elei-
ção, determinando fazer este em
tudo solemne de S. Pedro, e S. Pau-
lo, que hera dali a dois dias, pa-
ra que então se declarasse, sahin-
do os dois votos dos dois Estados
por Castella, como tinhão por
sem duvida, acolherem-se todos
em huma Galé, e Caravella da
Armada, que para isso tinhão
mandado vir de Lisboa, as qua-
is tinhão já aparelhadas na
Bahia de Setubal. Neste mes-
mo dia mandou o Conde Por-
tuguez ao benigno Rey D. An-

Antonio recado, que já hera
entrado, e recebido em Lisboa;
que acodisse logo, antes que se
concluisse a traicão: o qual sa-
hido logo pellos mesmos da
guarda dos Paços, e pella gente
leal que havia na Villa, come-
sarão de se amotinar com gri-
tos, e ameaços publicos, no Sa-
pal defronte dos traidores, que
elles houverão por seu acordo
ver se podião pôr em salvo: e
assim determinarão da quel-
la noite seguinte se embar-
carem, deixando tudo em aber-

to; para porem sello as suas trai-
çoẽs. Não pode ser isto tão secre-
to, que tambem se não entendesse dos soldados, que logo co-
meçarão a vegiar, e cercar de-
maneira, em anoitecendo com -
muito risco de suas vidas, e tan-
to, que hum se deitou por hu-
ma corda, outro se vestio em -
hum chiote, e assim se acolheo
sobre hum asno; os mais bus-
carão mil invensoẽs baixas,
como elles herão dos espiritos
para se hirem embarcar. Es-
tes forão Francisco de Sáa e M-

Almeida, Alcaide mór do Porto,
D. João Mascaranhas, Capitão
que foi do segundo cerco de Dio;
Diogo Lopes de Souza, Governa-
dor da Caza do Civel. Os da Vil-
la vendo já com os olhos a trai-
ção, e engano em que os trazi-
ão, bramião como Leoens, deze-
jando dar-lhes o pago do seu
bom governo e lieldade. A es-
te motim acodio o Conde Por-
tuguez com animo de Christão,
e leal, como sempre teve, o qual
por muitos justos respeitos
acodio, digo impedio não se-

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

se fazer carniça, entretanto re-
primio com rezões o impeto dos
soldados por largo espaço da
noite, athé se porem em salvo,
e se embarcarem, porque se elle
não fora, todos os da conjura-
ção houverão de pagar naquel-
la noite, o que devião á Patria,
porque parece, que de prepozito
os trazia ali seu peccado juntos
ao talho: Não faltou quem di-
cesse, que o Conde errara nisto,
mas a sua rezão convenseo a to-
dos naquelle tempo, dizendo,
que fazia a nosso cazo fugirem

elles, que não matallos em terra, e que mais soaria mal a quem apaixonadamente visse este negocio; basta que elles os salvou, e deu passaporte por terra a D. Christovaõ Mouro, pª se pôr em salvo. Bem vista fica neste breve sumario, quais forão os traidores em seu officio, e dignidade, não fallo em D. Joaõ Tello, porque quando se foi ajuntar com elles em Setubal, em huma Galé, que tomou em Lisboa, entrando

pella barra, e sabendo os quatro do governo que hera elle o quinto, o mandarão servir de bombardas arrezoadamente, da Torre de Outão, por não ser da sua tenção e Ley. Depois que ovirão entrando pellas bocas dos tiros, e isto visto, e sabido pella Villa, sofrerão no por dessimularem, que seu peccado os levou de már em fora, aonde andarão em calmaria dois dias á vista da Villa desmaiados, olhando se hião os da-

terra prendellos, e só o Governador se foi quietamente para sua Caza, por ser Portuguez, onde morreo, dizem que de paixaõ de ver as injustiças dos traidores.

No principio desta conjuraçaõ já explicada, se foi V. Ex.ª a Almeirim, quando o Rey Cardial se descobrira já sua tençaõ por Castella, e logo depois a Senhora Dona Catherina, com grande Estado, e Capella de Muzicos, acompanhada de alguns poucos de Caza, os

os enfronhados em libré de sol-
dados da guarda de vossa Pessoa,
já então as couzas erão tais,
que para responderes a quem
heres, ás obrigaçoẽs do Estado
Braganção, não sómente não
vos haveres de temer, e hir me-
drozo, mas ser tão temido, en-
trar na Corte, em hum brio Por-
tuguez, em hum Coração tão
grande, que asombrara o Car-
dial, e metera por dentro a to-
dos os traidores que lá anda-
vão, entretendo vossos Vassalos

todos aparelhados a som de-
guerra, e postos a pique para
toda a dezordem e traição, que
vireis no Rey Cardial, ou nos pre-
tensores desvenevaveis, porque
falando dezapaixonadamen-
te, vós só, com vossos Parentes,
Criados, e Vassalos, tinheis bas-
tantes forças para receberes
todo o poder que Felipe tinha
aparelhado contra nós, e pa-
ra obrigardes ao Duque d'Al-
va a huma retirada mui
afrontoza; mas faltou-vos o-

o Coração do Conde D. Nuno Al-
vares Pereira, vosso quarto Avô,
não sómente nada disto fizes-
tes, antes, que o Senhor D. An-
tonio, antes, digo, ainda que
aborrecido desnaturado, e per-
seguido, não sómente do Car-
deal Rey seu Tio, mas tam-
bem dos traidores do governo;
depois de sua morte delle com
'animo Real, que herdara do
Infante D. Luiz seu Pai, se
determinou a fazer rostro a to-
da a ambição dos Estrangei-

vos, e traição dos naturais, a ris-
car sua vida e Estado, na de-
fenção do Reyno, e que todos os
partidos horrozos vos fazia
conta, de lhe seres companha-
ro neste Santo propozito, nun-
ca já mais o poude acabar
com vosco, por mais que visseis
os inimigos entrados pello
Reyno, e tomarem vos os vossos
apozentos de Villa Viçoza, e Ar-
mazaés de armas; antes pa-
ra a vossa culpa ser caso de
maior despropozito, depois

dezenganado de vossas esperan-
ças Reaes, mais provas dadas
pellos traidores do governo, os
deixastes em Setubal, e vos fos-
tes a Portel, ter consulta com
os doidos de vossos Parentes, do
que parrice, estando já as cou-
zas sem remedio. Bem se vos
poderá dizer neste tempo (já no
morto) Em vida do Cardeal
Rey deveries de acodir em vos-
so Estado, Conde Lavrador, ao
Rato do Arcebispo de Evora, e á
Raposa do Comendador mór

com os mais que se acharaõ prezentes neste vosso Conselho; como haviaõ muitos tempos que se achavaõ feridos da parte de Castella, e preiteados ó seu sabor com Felipe; acordaraõ em Relaçaõ, que vos lançaceis fora do jogo, e vireis os Toiros de palanque.

Pella Santa Ley de Solon Atheniense perdida tendes a Caza e Estado, só por esta culpa. Mandava esta Ley, que quem nas dizensoins, e

e motins da Cidade se naõ
lançaßse de alguns dos ban-
dos, e parcealidades, esperando
ser, de viva quem vence, pello
mesmo cazo lhe fossem con-
fiscados todos os seus beins.
Nada disto tivestes, antes con-
forme o conselho que vos de-
raõ, e tomaraõ para si estes
Senhores vossos Parentes, vos
deixastes ficar nessa vossa Vil-
la de Viana, da que hera o que
Felipe dezejava, e vos pedia.
Com esta invensaõ tomou o

o Turco Azia, Africa, e muita parte da Europa, pondo-se os Reys Christãos á mira, q.do este tirano fazia guerra a algum delles: assim tomou Ungria, Bohemia, o Imperio da Grecia &c. Neste tempo que V. Ex.a se apartou do bem comum, olhando só mente para o mesmo tempo, o Povo padecia a ultima dezaventura de ferro, e fogo, sem ter armas nem rezistencia, por todo o termo de Elvas, Olivença, Es-

Estremóz, e todos os outros lu-
gares do Alentejo. Naõ que-
ro mais particularizar as
culpas de V. Ex.ª, por naõ afron-
tar mais os ossos de quem
a terra come.

Os Fidalgos, Morgados, e
Comendadores, que em todas
as Cidades foraõ os nervos da
Republica, e por esta cauza
taõ previlegiados, e venerados
do Povo, huns delles, ainda q̃
poucos, se foraõ para o Senhor
D. Antonio, depois de levan-

vantado por Rey para segu-
rar o jôgo de ambas as partes,
fazendo dalli seu negocio com-
elle, e com Felipe, correndo a-
dois cabos, como já fes avizos,
em tempo da liga da Christan-
dade, escrevendo, e dando avi-
zos ao Turco, contra a liga, e a-
liga contra o Turco. Assim
o faziaõ estes Senhores, poden-
do ainda mais m isto para
Castella, e tanto que havia
grande vergonha, e espanto
ver as Cartas que se toma-

mavaõ cada hora aos espias
dos Fidalgos Portuguezes que
andavaõ á ilharga deste ven-
dido Rey, e entravaõ em seus
Conselhos de guerra: Outros
tiraõ Capitaẽs da Armada,
que tambem foi vendida, tan-
tas vezes, que cada dia se to-
mava hum, digo, se tirava hũ
Capitaõ mór, e se punha ou-
tro, para naõ arrematarem,
o que naõ aproveitou nada,
por mais que o derradeiro Ca-
pitaõ, que foi Gaspar de Bri-

Brito d'Elvas, hera leal, o qual pella naõ querer vender, o ven- deraõ a elle, e aos Capitaẽs, ain- da que escapou da morte.

Os outros Fidalgos em ge- ral, tirando os Creados, ain- da naõ todos, deste Rey elei- to, parecendo-lhe este máo Con- selho descarregarem a algu- ma desgraça, e terem compri- mentos com sua Patria, se- quer nas mostras de fora, como todos estavaõ metidos na Conjuraçaõ Castelhana

ea segunda, sua fazenda, e
mercadoria, tomando o Con-
selho que V. Ex.ª tomou pa-
ra si, escondendo-se pellos
matos em quintas embar-
dos, como Zorrais, esperando
ouvir novas do Mundo, co-
mo se conta de hum forsa-
do em huma galé, que es-
condendo-se debaixo da es-
cotilha, ou cuberta, ao tem-
po da briga, depois de aca-
bada perguntou della = levaõ-
nos, ou levamolos. Outros

depois de tomado Cascaes, ba-
tendo-se já a Torre de São Gi-
ão ouvindo os tiros em Lis-
boa, se esconderão dentro da
mesma Cidade com tanto se-
gredo e resguardo de não
serem chamados e obriga-
dos a acodir a tão extrema
necessidade, como padecia
o Reyno chegarão a man-
dar fechar as portas de pe-
dra e cal das cazas onde
se escondião, mettidos com
armas, e cavallos dentro

em cazas, dando-lhes os seus
de comer por janellas de noi-
te, parecendolhes, que quan-
do os Reys e Republicas ins-
tituhirão os Grandes, os Fi-
dalgos, e Morgados, que foi
para comerem, e vestirem
melhor, para jogarem ma-
is grosso, para terem mui-
tos criados, para lograrem
as delicias do mundo; e que
quando viesse o tempo de
guerra, e do trabalho, não ti-
vesse nelles a Republica braço,

e columnas para se defender, e onde se encostar.

As escuzas que elles davaõ neste cazo, saõ muito para aceitar: Diziaõ estes Senhores, q naõ podiaõ em boa conciencia seguir o Senhor D. Antonio, porque hera alevantado, e Filho naõ legitimo; naõ attentando, que andando em prova a sua legitimidade o levantou por Rey a leal Villa de Santarim, em nome de todo o Reyno, tem

do já Felipe tomado com -
mão armada Elvas, Olivem -
ça, Campo maior, e Estremoz,
não como levantado pello Po -
vo, mas como tirano, aquem
elles seguião sem nenhum
escrupulo. Tambem dizi -
ão por sua disculpa, que o po -
der de Castella hera tão gran -
de, que ficava em doidice que -
rer-lhe rezistir; a isto respon -
dem os contemplativos, que
não nascia da que a tosse,
e porque fallemos Portuguez

claro, saberá V. Ex.ª porque
não quizerão peleijar, nem
deffender o Reyno, e andarão
com este contrato, e traições:
Foi fina covardia, e puro me-
do, que os mais delles trouxe-
rão metidos motanos da des-
traição e captiveiro de Afri-
ca; e se lá ficou o meu esfor-
çado, e invencivel Rey D. Se-
bastião de saudoza memo-
ria, elles o dezampararão, e
entregarão aos Alarves com
suas judiarias, chamando-

lhe doudo, e temerario, pon-
do-lhe todas as culpas que
quizerão, por encobrirem as
suas, que a verdade he esta;
elle os conhecia muito bem,
e tinha na conta muito
bem que merecião; mas
não lembrou em tempo q
lhe hia mais a vida e hon-
ra. Hera este hum Rey
a quem se não pode negar
muito esforço, muito boa
liberalidade, muito boa con-
versação, ainda que os Ca-

Padres da Companhia o crea-
rão fora disto; mancebo de
muito raro entendimento;
e se os Fidalgos que com elle
forão, o acompanhassem aju-
dados com animo, e esforço
que nelle virão, pelejarião do-
brado, e a victoria fora nossa,
e a dezaventura não fora tan-
ta; mas como estes Senho-
res não sabião mais senão
rasgar sedas, lograr perfu-
mes da India, agoas estila-
das, passear ás Damas, in-

inquietar Donas virtuozas,
honestas, andar com a barba
no ár, mais soberbos que Lu-
cifer, cuidando que nisso es-
tava o ponto e ser da Fidal-
guia, indo armado desta cór,
e tenção, mais para vodas, que
para brigas, em vendo o cam-
po de Maluco, arrayaes cal-
mozos, armas pezadas, e de-
saques tomados, logo esmu-
recio, cahindo o coração aos
pés, pello que, o primeiro S.
Tiago que se deu, elles forão

os primeiros que mostrarão
as costas aos Mouros, voltan-
do á redea solta, com tanta
dezordem, e cobardia, que o es-
quadrão dos aventureiros,
ou desaventurados de pé, á vis-
ta da Villa lhe deu lugar, e el-
les principio a todo o mal,
e destruição que logo se se-
guio. Esta hé a verdade pu-
ra, e clara: Querem cobrir o
feo com huma peneira, tapar
a bocca aos Soldados, e pôr
a culpa a ElRey: Digão is-

isto aonde senão sabe co-
mo elles se cruzarão: deante
dos muros, mettendo-se debai-
xo das carretas. Com este
esforço e valentia de leais
Portuguezes, deicharão seu
Rey em Africa, sem saberem
dar novas delle, vendendo-se
por Captivos de negros desal-
mados. No Captiveiro tão
vaõs, tão dezonestos, tão insen-
siveis de sua honra e fideli-
dade, que muitos delles aui-
tarão resgates dos Embaixa-

xadores de Felipe, com vergo-
nhozos partidos, sobre a suces-
são do Reyno, que já começa-
va a vender.

Este mesmo ser, e Fidal-
guia tiverão na derrota de
Alcantara, escondendo-se,
fogindo, em tempo, que seus
Avós mortos se podião de-
zejar vivos para alansear
Castelhanos, e os lansar fora
do Reyno. Por onde digo a
V. Ex.ª que podemos dizer, e
affirmar com muita verda-

de, que se acabou já a Fidal-
guia de Portugal, e se Deos
der nelle Rey natural, pode-
rá com muita justiça, e com
boa conciencia, o que fazia Li-
vergo, e faz o Grão Turco hoje
em dia, que hé tirar-lhes os
Contos de renda, os Morgados,
e privilegios, arrazando os co-
mo os macanicos, e comessar-
se outro enxerto de Fidal-
gos, fundado em merecimen-
tos pessoaes, sem opinião de
geraçoés, nem apelidos, por-

porque os Castros, os Menezes,
Mellos, Mascarenhas, Ta-
voras, Barretos &c.ª já nao dao
fructo, se nao de baixezas, co-
bardias, dezonestidades, e pou-
ca Christandade, e se alguns
ficarao bons, o nome e qualida-
do lhe houvera de tirar.

Nao fallo nos Portugue-
zes Coutinhos, e Britos, q̃ a-
quelles honrar dao lugar
entre os negros, em quem
se achou santa lealdade, e es-
forço, que athé a Torre da

da polvora, em que estava
nossa defença, se naõ ficou se-
naõ delles, e acompanharaõ
o Rey D. Antonio athé dito
do se perderam em Viana
o Povo cuja voz se chama vox
Dei ainda que nunca foi ou-
vido elle só conservou a fé
Portugueza nas fortes, e fora
dellas: com pacto, esforço, e de-
zejo pedindo, e buscando guer-
ra, athé as mulheres, que
pareçe couza de espanto, por-
que ellas so vinha o maior

mal della. Mas como Portugal sempre foi este que o Povo fes Rey, o Povo se remio, e os Fidalgos o vendião, não há que estranhar, se não admitir-se em Cortes de pouco tempo para cá, Estado, e votos de Fidalgos, pois com muita rezão, só o Povo foi sempre ouvido nellas. Deos lhe restaure a honra, e lugar, que sempre mereceo.

As cauzas justas que Felipe tinha, ou cuidava que

tinha para negociar o gover-
no, e a posse, e entrega deste Rey-
no, com tantas traiçoẽs, e in-
justiças. condenando por trai-
dores, e vassalos rebeldes, aos
leaes Portuguezes, que perten-
dião rezistir á força que elle
queria fazer ao Reyno, são
muito para notar, quem de-
todo não for bobo, como elles
cuidão que são os contrarios
á sua ceita.

Primeiramente dizia Fe-
lipe, que hé Rey Soberano, e de-

Senhor Supremo das Leys,
e não sugeito a ellas, nem de-
pender o seu direito de justiça
alguma, nem de Letrados, ma-
is que dos do seu Conselho; por-
tanto que podia entrar nes-
te Reyno de toda a maneira
que quizesse a saber, com ar-
mas, com paitas, com fallas
promessas, e com traiçoẽs, sem
ter dever com juramentos dos
Estados, nem com Juizes de-
putados no cazo, e quem lhe
rezistisse, ou duvidasse disso,

como criado delle commettia cri-
me de Leza Magestade, porque
el Reyno seria suyo, e los sayos
lho darian. Assim o fes, e pro-
cedeo sem mais comprimento
de justiça, nem quiz mandar
mostrar quatro pareceres de
Letrados de huma Universida-
de, ou Conselho do Papa com
que nos tapava a boca, ou os
olhos: Oh Deos poderozo, e pie-
dozo, que tal sofreis, he possivel
ser isto verdade Catholica, sen-
do só vós Supremo, e Omni-

potente, que vos deis por sugei-
to ás Leis da razão, e com tan-
to rigor, que chegarão a di-
zer os SS. que não podeis con-
denar a hum justo, nem ti-
rar do Inferno a hum pecca-
dor; porque as Leys da razão vos
obrigão a isso, tanto, quanto
a hum homem em certa ma-
neira; e hum Rey sendo da
terra, com os pes na cova, com
soberba de Lucifer, chega a di-
zer que não hé sugeito ás Le-
ys, nem a ninguem da terra,

e acha Fidalgos, Profetas fal-
sos, que lhe digão, que o póde
fazer com boa consciencia: Pon-
to hé este, e propozição tão nova,
que está pedindo censura de
hum Concilio Universal, feito
só mente para se tratar nelle
de quem a defende, e de quem
a inventou agora.

Diz o soberbo Rey, não es-
tá a Luz, e ley natural dizen-
do, que a parte não seja Juiz?
Castelhanos hão de julgar a
sucessão de Portugal? Aqua-

quatro centos annos que aper-
tendem, e mais em Castella
se hade dar sentença contra
outro Reyno. Naõ dizem to-
das as Leys humanas ubi te
invenio ibi te judico? Naõ
hera Ley dos Romanos jus-
ta, e referida por tal Testamto
novo, que naõ condenais sem
a parte ser ouvida primeiro,
e estar prezente. Naõ há mil
historias nas Chronicas dos
Reynos, onde nas desavenças
que tinhaõ entre si, tomavaõ

Juizes arbitros, como já foi o Rey D. Diniz de Portugal en-tre Castella, e Aragaõ, com que se apagaraõ sempre guerras, e odios entre Reynos, e entre vezinhos, e Senhores, se naõ com-suguitarem a Ley natural de elegerem Juizes a contenta-mento das partes, homens le-trados, sem suspeita, que des-sem o seu a seu dono. Só este Rey de Castella foi neste mundo Supremo, e independente de Leys da razaõ, para naõ se que

querer sugeitar a ellas, nem
tambem ouvir a justiça, e di-
reito, que por si alegarem os
mais pertensores; que he o ou-
tro ponto em que não fallo, de
bem ruins digestão, para quem
tiver alma, e se lembrar que
há morte, e juizo. Com verdade
se pode afirmar, que se esta
porta se abre na Christanda-
de, a cabou se toda a paz, e con-
cordia della, porque sendo não
sómente Portugal, e Castella,
Reynos, sobre si livres, e inde-

pendentes, mas tambem Fran-
ça, Inglaterra, Polonia, Sa-
boya &c. em nenhuma dellas
vencia, sobre o que quer que ati-
verem, como acontece cada
hora, uzarão de mais rezão,
e justiça, se não aconselha-
rem-se com os seus Letrados,
os quaes pella maior parte são
partes suspeitas, e falças, á
vontade do Rey donde nasce
não continuas guerras entre
Christãos, mas vezes se acha
isto entre Castelhanos, que

nas entranhas tem mettido
soberba, ambição, e lizonjia,
como se vê neste nosso cazo,
a saber, aconselhando a seu Rey,
o que fes, deixando os Trez Esta-
dos de Portugal perjuros, em
darem posse do Reyno, sem
sentença, e tomarem vox con-
tra o que tinhão acordado, e
jurado em Cortes, em vida do
Cardeal Rey.

Alem disto impedindo
hum Breve Appostolico, em
que o Papa avocava a si a cau-

a cauza da ligitimidade do-
Senhor Dom Antonio: Fica
isto excepção da Bulla da Cea;
mas não quebra o osso; dizem
em Castella, porque su Rey pue-
de mas que el Papa, y que Dios;
cuido certo, que permitio Deos,
esta soberba, e dezordenada
entrada de Felipe em Portugal,
porque não querendo esperar
por Sentença, justiça, nem di-
reito, vejamos em nossos dias
abatida, e castigada a sober-
ba prezumpção de Hespa-

panha, e para que paguem
os Castelhanos em nossos de-
as quantas tiranias, roubos,
insultos, e desaforamentos tem
cometido, no saco de Roma,
no Peru, Flandres, Milaõ,
Napoles, França, e Navarra;
porque se este catolico Rey
quizera esperar sentença,
e seguir o estilo da justiça,
seu fora Portugal pacifica-
mente, que quem tem o Papa
debaixo dos pés a custa da
honra de Deus, e de sua alma

para fazer quanto quizer em-
Roma; e neste Reyno tinha
já por si os Governadores, a V.
Excelencia o Marquez de Villa
Real, os mais Condes e Senho-
res de titulo, e Fidalgos, pou-
co lhe custara trazer á sua
tenção mais onze Letrados,
para á custa de alguns rea-
les, e Cartas em branco lhe
meterem nas mãos a Senten-
ca e auzencia do Reyno, porque
julgada ella, ou bem, ou mal,
não ouvera mais quem ou-

ouzasse levantar os olhos con-
tra Castella; segundo Portu-
gal hé Catholico, e escrupu-
lozo, ou supresticiozo, e pois
Deos cegou a este Principe, e a
os do seu Conselho, paraque
naõ vissem esta estrada lar-
ga, podesse Christaã mente
conjecturar dos males que
se seguiraõ, e dos cometidos
dantes, que quer Deos entrar
a juizo com este Reyno, e Na-
çaõ má, e aborrecida de todas
as outras Naçoẽs, assim Chris-

taõs como infieis; e ainda que
huma Ley tem por si, com q̃
se podem desculpar do erro, mas
naõ alegada entre Christaõs,
pellos Juristas, mas reprova-
da por todos, e aceita sómente
do Rey de Castella, a qual diz
Jus regnorum in armis est
da qual sempre uzaraõ estes
Reys matando ás vezes huns
Irmaõs a outros como fez D.
Henrique, D. Pedro Cru, D.
Sancho, e outros homecidas
mais modernos, muito para

se estranhar, só por ambição de -
reynar, e senhorearem o Mundo
tiranicamente. Esta foi a prin -
cipal acção, e justiça que Felipe
teve para vir a Portugal da ma -
neira que veio; esta he a honro -
za conquista que porão em su -
as Chronicas seus Chronistas
por sua morte; mas basta isto
para o conhecimento da cau -
za que teve, e baixezas que come -
teo.

Os inconvenientes que se se -
guirão dos nossos Governado -
res, e Fidalguia Portugueza,

ser esta que V. Ex.ª vê, e o d'ElRey de Castella ser tão comedido, e sugeito á rezão (sinó contra) são os seguintes. Primeiramente se seguio entrar o Turco Luthera no Duque d'Alva em Lisboa, com tanta crueldade, e dezonra nossa, que chegando a Alcantára com menos de 16 V. homẽs, onde o nosso campo estava formado, com passante de 20 V homens todos Irmãos, vezinhos, e companheiros, nos rompeo, e dezonrou para sempre, não

por forças suas, mas por trai-
ções dos corruptos, e por prome-
ças, dando o saque trez legoas
do Termo, com duas que toma-
raõ mais os Soldados, estando
por cauza da peste a mais da
gente, e fazenda derramada pel-
las Quintas fora de Lisboa, en-
trando as suas Gales pello rio,
e a soldadesca pellas ruas, com
tanta crueldade; desparando
no triste, e rendido Povo toda
a mosquetaria, e artelharia
do már; hindo neste tempo

muito contentes triunfando entre elles, de sua Patria, e Naçaõ nas Galés, a saber, Diogo Lopes de Siqueira, D. Antonio de Cascais, Luiz Cezar, e muitos outros arrenegados de volta com os leais, a quem o traidor Castelhano tinha passado Provizoẽs de Marquezados, e Condados, e contos de renda, por este serviço taõ custozo naõ sómente ás pessoas, mas tambem á honra destes Senhores, que lhe entregaraõ o Reyno,

mas assim como estas Provi-
zoẽs forão asignadas em bran-
co, tambem forão despachadas
em branco, porque lhe sahio em
despacho da Meza da Concien-
cia (qual Deos sabe) que não
hera Felipe obrigado a cum-
prir estes asignados; mas
a V. Ex.ª como a principal par-
te neste negocio, como verda-
deiro e legitimo herdeiro des-
tes Reynos (segundo dizem)
asignarão alguns Juristas
doutos, despachou este Reyno i-

muito bem, com lhe fazer huma
mezura muito bem feita em El-
vas, quando lhe foi bejar a mão,
e renunciar todo o direito que
tinha ao Reyno, e com o acom-
panhar athé á porta da sala,
e com lhe lançar depois o Ha-
bito del Tuson em Thomar,
que he de mui graça renda, es-
tados, mas pagos em panem
nostrum quotidianum, e huns
poucos de maravedis para vi-
no, e faça-me mercê, que não
mande cada dia arrecadar es-

ta reçaõ do Paço, com muita humildade, como Cavaleiro del Tuson, como lhe mandou dizer hum dia em Abrantes o Mantieiro, ou Veador, por hum descuido que nisto teve. Outra mercê fes a V. Ex.ª de Condestable deste Reyno, que Santa gloria haja. Outra lhe fes muito maior em o ter naõ reputado pello que V. Ex.ª merecia, por seu fraco juizo.

Os mais senhores Fidalgos, de prezumir hé tambem, que

Felipe uzou com elles desta mag-
nifica liberalidade Castelhana,
porque a D. Antonio de Cascaes
fes o mesmo que a Tristão Vaz,
em satisfação de entregar a
mór força do Reyno, e renun-
ciar 4V cruzados de juro que
ElRey D. Antonio lhe tinha
dado.
Porfim de rezoens já V. Ex.ª
e os mais da Conjuração come-
ção a ver o erro, e desconserto seu,
e dizerem entre si pella boca pi-
quena (sofamolo pois o qui-

zemos / quando isto virem lem -
brem-se quam diferentes na -
verdade, e liberalidade herão os -
despachos, e merces dos Reys
Portuguezes, naturaes de Por -
tugal, pois com terem poucos
contos de ouro; as veuvas dos -
seus creados, os Orfaons, os Fi -
dalgos pobres, em gemendo
erão ouvidos, e despachados
como Filhos. Se agora estan -
do o Rey á porta, os despachos
de tão grandes serviços pessoa -
es, são os que vemos, quaes se -

razaõ depois que virar as costas?
Que faraõ os tristes, que vierem
da India, ou de Africa, com ser-
viços dos Pais, dos Irmaõs mor-
tos, e com a vida gastada, hi-
raõ caminho de Madrid, e To-
ledo, tomar por terceiros Caste-
lhanos, que naõ sabem o que
isto custa, e este hé o primeiro
inconveniente que sucede nes-
te cazo.

O Segundo erro foi ficarmos
captivos e escravos da mais
soberba, odioza, e aborrecida Na-

Nação que há no mundo to-
do; não somente aos Portu-
guezes, a quem forão em tudo
inimigos, e não sem muita
causa tem esta Nação mà
esta fama, porque se tem vis-
to claramente isto no cerco
de Lisboa, e das mais terras
por onde o arrayal passou,
que fizerão todos os roubos, es-
tupros, adulterios, homecidios,
e tiranias, desaforamentos,
cometidos por Castelhanos de
Nação, sendo nesta parte ma-

tis commedidos e humanos os Tu-
descos, e Alemaes: Somente os
Castelhanos fizerao tantas
afrontas, crueldades, sacrile-
gios, a homens nobres, a mu-
lheres honestas, a Religiozos
dezarmados; athe nas Igre-
jas, e Mosteiros de Freiras, co-
mo se vio na Igreja de Bel-
las; no Mosteiro de Monchi-
que, e Vairao; muito melhor
nos fora morrer mil mortes,
que ver, nem chegar a taes tem-
pos; basta que cumprirao se

seus dezejos nossos inimigos
Capitais, e chegarão a nós di-
zerem nas barbas, com muito
gosto, e soberba quando nos vi-
ão tristes (Tereis de tragar es-
te bocado) e de tal maneira nos
tem o pê no pescoço, que nem
para chorar nossas dezaven-
turas, nos dão licença, e se não
fora estarem hindo as couzas
no ár, sem assento, já os des-
terrados com titulo de des-
pacho, houverão de ser tan-
tos os occupados nas guar-

nições de Flandres, Napoles,
e Italia, que não houvera já
mais Portuguezes de capa pre-
ta, andar pellas ruas, como se
costuma em Galiza.

O terceiro inconveniente
não menos para sentir que
os outros, vai ainda em cres-
cimento, he que as Donas il-
lustres, e as Fidalgas Portu-
guezas, tidas sempre em tan-
ta veneração, e respeito dos
Estrangeiros acreditadas por
todo o mundo por muito

castas, e honestas, athé nos vestidos, vensidas da cobiça dos reales, ou da dezenvoltura dos Soldados Castelhanos, esquecidas da sua fama, e honra, e do sentimento que devem ter da dezaventura da sua Nação: maridos, e parentes, tão dezenvoltamente os namorão, e se lhes entregão, que as mulheres de mançaba, em outros tempos se estranhava muito, o que nestas senhoras se vê agora pu-

publicamente, já não podem ver Portuguezes, nem os proprios maridos, são tantos os adulterios, e dezonestidades, que os mesmos Castelhanos, e Italianos, andão espantados dellas, e chegarão a dizer, que senão podião defender dellas, e que elles herão os acometidos. e as vezitacoens do Arcebispo de Lisboa, mofinas são tais, que já chegou hum Cura a nomear algumas Fidalgas por publica-

mente amancebadas com os Castelhanos.

Na noite de S. João deste dezaventurado anno de 81 se acharão algumas Senhoras pella mão de Castelhanos a ver as fugueiras. Tambem vão já tomando posse das Carroças de Roma, e das Carretas de Sevilha, como Cortezans de Castella. Os cazamentos com os soldados picaros forão infinitos nas Estaçoẽs das Igrejas de

de Lisboa, Deos nos livre dos males q̃ isto vai ameaçando, paraque antes destes lança rem raizes, tenhamos Rey natural e Portuguez que nos ponha Castella no andar em que estaõ os Chinos com os Tartaros, dos quais afirmaõ que fizeraõ hum muro de trezentas legoas para dividi zaõ, ou como estaõ os Mouros nos Lugares de Africa fronteiros, e para isto se effectuar suavemente, inspire

Deos no peito de V. Ex.ª, e dos mais senhores Fidalgos deste Reyno, animo, esforço, e lialdade, paraque se ao diante houver alguma occaziaõ de se restaurar a liberdade Portugueza, ainda que seja de Turcos, e Moiros, a aceitem, e lansem maõ delles, porque se o naõ fizerem assim, estou já vendo que perderaõ todos seus Estados, a Patria, e muitos a vida, e sentirá

muito, como Portuguez leal,
saber lá na outra vida pa-
ra a qual estou já de cami-
nho, que defendem meus na-
turais com maior esforço
seu Captiveiro, mandando-
lhe Deos remedio, do que
mostrarão em defender sua
liberdade.

Muitas couzas das que
nesta Carta digo, vi com me-
us olhos, antes de condena-
do a tratos, pellos quaes a Lu-

o Lutherano de Paulo Coutinho, meu
natural, e oppozitor em Coim-
bra mandou pagar dinheiro
aos que mos davaõ, e depois
me sentenceaçaõ, que fosse
degolado por final Sentença,
que meus inimigos deraõ con-
tra mim por amor do meu
bom Rey, e Patria. Parte des-
tas couzas via cá em revela-
çaõ, e outros muitos males,
que aos principaes deste Rey-
no estaõ ameaçando, cujos
nomes naõ digo; porque se -

sedo natureza hiam rol geral
dos Portuguezes hereges, e arre-
negados, juntamente com ou-
tro dos Leaes na fe Catholica,
de sua Patria e Nação, para
que quando Portugal resus-
citar, e Deos der nelle Rey na-
tural, se saiba na Santa
Inquizição futura da leal-
dade Portugueza, e desta erro-
nea que os mais seguirão, e
se faça justiça delles, e de sua
fazenda conforme as San-
tas Leys deste Reyno, aqual

Deos eternamente tem pro-
metido de conservar. Dada
no seyo de Abrahaõ a 20 de
Julho de 1581 annos.

O Dr Pedro de Alpoem

O Dr Pedro de Alpoem, Lente da Universidade
de Coimbra, e Colegial do Colegio de S. Pedro, da
mesma, estando prezo por mandado d'El-
Rey Felipe, o Prudente de Castella, quando en-
trou em Portugal, e sentenseado à degolar,
escreveo esta Carta assima, ao Duque de
Bragança D. João 1.º

372

243389

Voto que deu Dom João de Castello branco, Filho terceiro de Dom Martinho de Castello branco, primeiro Conde de Villa nova, sobre hum rebate falço que ElRey Dom Sebastiam tratou de dar em Lisboa.

Com a novidade grande que cauzou no Reino a prizão de D. Antonio de Castro, Senhor de Cascaes, e as chimeras que se levantarão de que queria entregar a Villa aos Franceses, teve ElRey ocazião para poder ver, digo, para querer ver o numero de gente, e armas que

havia em Lisboa, eo acordo, e animo
comque acodia aos perigos, ordenan-
do hum rebate fingido, com vox de -
serem entrados pella barra; pelo
que fez disso huma breve proposta
no conselho, dizendo.

Que para tirar algum fruto das -
incomodidades, e máos sucessos do -
tempo, e ver o estado emque o con-
tinuo uzo da Milicia tinha pos-
tos os moradores de Lisboa, lhe pa-
recia conjunção opportuna para
mandar huma noite tocar a reba-
te com vox de ser o porto entrado
da frota inimiga, de que entre ou-
tros se podião seguir tres effeitos
de muita importancia: O pri-

meiro conhecer as forças da Cidade;
e quam prompta, e bem acordada
estava a gente della para sua de-
feza. O segundo mostrar aos Es-
trangeiros, que ali rezidem de va-
rias partes do Mundo, quam im-
possivel seria ao poder de França
sahir com a empreza de saquear
Cidade tão populoza, e cheia de po-
vo tão guerreiro, e bem desciplina-
do. O terceiro costumar a gente
a rebates, sem perigo, a não deza-
nimar quando vissem os verda-
deiros. De mais, que com esta voz
de inimigos teria o povo ocazi-
ão de mostrar com evidentes si-
naes o amor, e lealdade devida

a seu Rey.

Como ElRey na proposta mos-
trou tanto gosto, e a tinha antes
comunicada com os seus mais in-
timos validos, sem duvidarem no
effeito discorrerão varia mente so-
bre o modo mais conviniente que
teria de o executar; mas chegan-
do a ordem de votar ao dito Dom
João de Castello branco, pessoa a que
a idade, e grande experiencia de
couzas fazia ponderar as materi-
as com profunda consideração,
e o animo verdadeiro, e livre, nas
permittia deixarse vencer de res-
peitos; considerando os grandes in-
convinientes que se poderião se-

guir de tão desnecessaria delibera-
ção, o muito que se aventurava
de credito, e reputação do Reyno,
das honras, e fazendas dos mora-
dores da Cidade, o reprezentou a
ElRey na forma seguinte.

O privilegio que os muitos an-
nos alcanção sobre grandes enten-
dimentos, he descobrir inconveni-
entes occultos no lugar em que
elles menos o temem, e reconpen-
sando a natureza a saude, e for-
ças, que nos tira, com este benefi-
cio particular da experiencia;
desta, e do privilegio da minha
idade cede a culpa de me não con-
formar em tudo, com pareceres

tão qualificados; e com o intento, e vir-
tuoza tenção de V. A. quando sem
aventurar tanto se poderá por-
ém mais facil conseguir os mes-
mos effeitos, que se lhe prova da-
rezão de Estado melhorar o go-
verno da Republica das proprie-
dades adversidades do tempo, hade
ser com advertencia, q̃ dellas se
não sigão outras maiores; por-
que os bens tirados de males, ra-
ras vezes deixhão de levar com si-
go alguma propriedade da sua
origem. Occazião pareceo que de-
rão estes rumores passados pa-
ra persuadir ao povo qualquer

assalto de inimigos, e acodir ao re-
bate com o perigo certo, mas não
parague V. A. com os do seu Con-
selho mostre acodindo a elle que
o tem por verdadeiro. Porque
além de com isto qualificarem
por certo materias tão duvidozas,
e darem indicio do seu animo
em couzas que hão de julgar, hé
mostrarmos ao Reyno de França,
que de todo o ponto temos perdi-
do a fé, e confiança, de sua anti-
ga amizade, e gerase nelles hum
escrupulo, que as mais vezes vem
a rezultar em rompimento ma-
nifesto; e assim contrapezados os

perigos que podem rezultar da -
ocaziaõ com os proveitos (quando
foraõ certos) da proposta, peza ma -
is qual quer dos primeiros, que to -
dos os outros juntos. Porque a pri -
meira utilidade de ver o numero
de gente, e concerto de armas des -
ta Cidade, e o fruito que nella tem
feito o continuo exercicio da mi -
licia, se pode facilmente conseguir
fazendo a sahir a rezenha geral
debaixo de seus Capitaẽs, e bandei -
ras, onde cada qual, com a sorte
de armas que uza, mostrará o que
tem aproveitado; o que naõ suce -
derá no rebate, onde a gente atoni -

ta com o perigo naõ esperado, acodirá mal vestida, com as primeiras armas que lhe offerecer a occaziaõ, discorrendo no meio do tumulto, e confuzaõ da noite, e acodindo aos lugares donde a chamarem os gritos, e maior estrondo; e ainda sucederá que muitos obrigados do perigo e lagrimas de suas mulheres, e Filhos, dezempararaõ a cauza comũa por acodirem á sua particular; e em lugar de ver huma batalhaõ de gente destra e bem exercitado, veja V. A. huma confuzaõ popular, acompanhada de gritos e vozes desor-

denadas, e huma reprezentação da cidade perdida, e entrada de inimigos. Nem espero melhor effeito da segunda rezão, porque sendo a grandeza desta Cidade, e opinião de suas forças, tão estimada entre as Naçoẽs Estrangeiras, que affirmão poder só armar tanta gente, como hum dos Reynos medianos de Hespanha, e alem de impossivel para conquistada, ser bastante e poderoza para conquistar, e ser senhora de hum grande Imperio, quando com seus olhos vejão, couza ordinaria em Cidades, e Reinos, que a larga

paz tem dezacostumados de seme-
lhantes assaltos, a confuzaõ, o me-
do, as vozes, a dezordem, o dezacor-
do, com que a gente acode ao peri-
go comum, e particular; demais,
de perderem esta opiniaõ taõ ne-
cessaria para sustentar grandes
Estados, conhecerão a via por onde
se deva emprender o saque desta
Cidade, e a facilidade com que se
pode conseguir, o que entre elles
se tinha por taõ impossivel.
Menos me persuade as comodi-
dades da terceira, considerando
o muito que a troco dellas se
aventura: porque como esta Cida-

de não hé fronteira, aonde convem
que o povo ande destro e prevenido
para os assaltos, couza que breve
mente introduz o uzo, não impor-
ta muito inquietallo com esta
sombra de guerra, sendo assim,
que hé hum só rebate, antes fica-
rão atemorizados, que destros, e ca-
hindo depois no fingimento ser-
virá de não ~~temerem~~ temerem, nem
darem credito aos verdadeiros, e
não se seguindo o effeito que se
pertende, considere V. A. o perigo
a que no meio de tamanha con-
fuzão se poem a honestidade de
tantas Donzelas, e Donas, que des-

descompostas e dezacordadas como sobresalto taõ pouco imaginado, e dezacompanhadas de Pais, e maridos, que por acodirem á defensa da Patria, dezampararaõ suas proprias Cazas, ficaraõ sugeitas aos dezacatos, e violencias que na escuridaõ da noite, e em tamanha alteraçaõ de couzas podem suceder: Os roubos de Cazas, e Fazendas, que se cometeraõ em quanto cada hum for acodir ás couzas de menos pezo, e mais valia, dezampara e tem em pouco as de maior volume. Espaçando do profano ao sagrado, que Templo ha-

verá seguro. Que clauzura de Religiozas guardada? A que gente atrevida, e Estrangeiros tocados de herezia não fazião as violencias, e dezacatos, que a occazião lhe permittio. As duas razões seguintes quizera escuzar resposta, seo sangue Portuguez que tenho nas veias me não obrigara a dar huma amoroza queixa, e pedir huma justa satisfação a V. A., de pôr o amor, e lealdade de seus Vassallos em juizo de tão facil experiencia, tendo-as a Nação Portugueza dado tais em páz, e em guerra, que avimos sempre

arriscar vidas, honras, e fazendas, e pelejar muitas vezes contra as Leys de seu proprio entendi-mento, por não contravir ao me-nor gosto de seus Principes, mais adorados entre nós, que obedeci-dos; e se todos muito, nenhum como V. A. alcansado de Deos por meio de tantas oraçoẽs, jejuns, e desciplinas, que o podemos cha-mar Filho do Sangue e Lagri-mas de seu Povo (de algumas po-derão testemunhar estas bran-cas, que virão correr por si nesse tempo) De quem sendo tão de-zejado antes de o ter, claro hé

que depois de alcançado estima-
remos todos em menos as vi-
das, que a menor adversidade
que possa tocar ao Estado de
V. A. Com isto fica respondido
ao aborrecimento de traição; no-
me que athé para castigado se
ouve mal entre Portuguezes;
e para favorecido não sabemos
o tempo em que nossos mayo-
res o conheceram. Por esta
antiga fé, e lealdade peço a V.
Alteza, que nas suspeitas, e
rumores passados, que escan-
delizão a Nobreza, e inquietão

o povo, proceda com ovagar, e du-
vida que a importancia do ca-
zo requer; porque olhadas as
circunstancias me parece se que
hão de vir as couzas a termos,
que de mais cuidado a V. A.
o modo de satisfazer a lealdade
offendida, e posta em duvida, do
que agora lhe dá o dezejo de cas-
tigar esta offensa: e quam facil
he de remediar o agravo feito
por relaçoẽs incertas, tão difficil
será o que destes rebates, ou ru-
mores de armas se acrescentão
aos offendidos, que as affrontas
os inferiores remedeão nas os-

Reys, mas as suas só no Tribu-
nal Divino tem emmenda. Aq̃
minha liberdade merece man
de V. A dár a este animo, que
nunca foi atrevido, se não on-
de lhe importou ser leal.

Ainda que ElRey estaua
tão persuadido do que lhe fau-
llavão o rebate, e comodidades
delle, todavia se deixou entrar
das rezões de Dom João, vendo
que de mais de certas, aponta-
vão no dezacato dos Templos,
e descompozição das Religiozas,
couza que ElRey com tanto zelo
da honra de Deos estimaua

sobre tudo; e assim dezistio do intento, naõ sem grande mortificaçaõ do seu gosto, e alguma nota de Pessoas Eclesiasticas que entravaõ no Consulho, e se tinhaõ por autores, e fomentadores do rebate, de que livrou a Cidade pelo voto deste Fidalgo.

Indice

Cartas e varias obras Politicas do P.e Ant.o Vieira —— a ff. 4 athe 128.

Carta do D.or P.o de Alpoem Colegial de S. P.o assente na Universid.e de Coimbra escrita em 20 de Julho de 1584 estando sentenceado a ser degollado — a ff. 243 athe 374.

Carta do D.or Felipe Maciel como Academico da Real Academia de Historia Portugueza desida —— ff. 169 athe 244

Discurso Politico do Marquez de Cascaes sobre se fazer, ou não fazer guerra ff. 129 athe 168.

Votto de D. João de Castelobranco sobre hum rebate falso, q. ElRey D. Sebastiam tratou de dar em Lx.a —— a ff 372 athe 390

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Cod
11400